

# Revista Safau

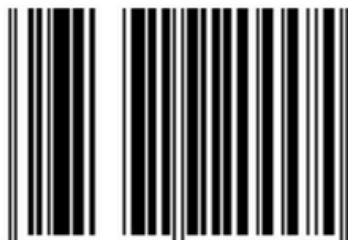
Volume 5 . Número 16 . Setembro / Outubro de 2025

POESIAS . CONTOS  
CRÔNICAS  
ARTES VISUAIS  
MÚSICA



FRANCISCA  
CLOTILDE

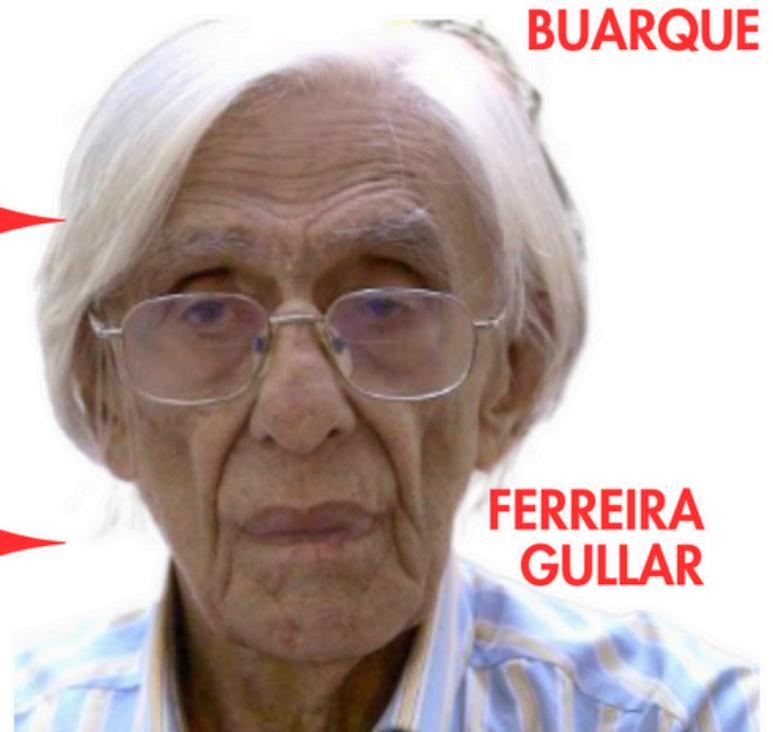
ISSN: 2965-6192



2 965 - 6 192000 5



CHICO  
BUARQUE



FERREIRA  
GULLAR

## AUDIODESCRIÇÃO SETEMBRO / OUTUBRO 2025

Descrição da imagem: capa com fundo branco. Na parte superior, em destaque com letras pretas, "Revista Sarau"; abaixo, em letras pretas, "Volume 5 – Número 16 – Setembro / Outubro de 2025". Ao centro, à esquerda, em letras vermelhas, "Poesias, Contos, Crônicas, Artes Visuais e Música". Abaixo, a foto em preto e branco, da escritora e jornalista Francisca Clotilde. Clotilde é uma mulher idosa, de pele parda, cabelos curtos, lisos e brancos; tem olhos escuros e veste blazer sobre uma blusa clara. No rodapé, o "ISSN 2965-6192" e o código de barras. Ao lado, uma coluna com o desenho de três estrelas, cada uma com quatro pontas, ambas na cor vermelha. À direita, de cima para baixo: a foto em preto e branco, do cantor e compositor Chico Buarque; a foto colorida, do poeta e escritor Ferreira Gullar. Buarque é um homem branco, cabelos curtos, lisos e grisalhos; tem olhos claros e sorri; veste camisa na cor preta. Gullar é um homem idoso, de pele parda com muitas rugas, cabelos curtos, lisos e brancos; usa óculos de grau e uma camisa com listras nas cores branca e azul claro.

**POLÍTICA DE DIREITOS AUTORAIS**

Copyright © dos trabalhos pertencem aos seus autores. Todos os direitos reservados.

Os autores e artistas que publicam seus trabalhos na Revista Sarau concordam com os seguintes termos:

- Os textos e imagens publicados na Revista podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que a utilização seja isenta de fins lucrativos e sejam preservados os nomes de seus autores e a fonte;
- O conteúdo de cada texto ou imagem, aqui publicadas, é de exclusiva responsabilidade de seus autores e tais conteúdos não refletem, necessariamente, a opinião da Revista;
- Toda participação na Revista Sarau ocorre de forma gratuita.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:

<https://revistasarau2.wixsite.com/website>

**CONTATO:**

[revistasarau2@gmail.com](mailto:revistasarau2@gmail.com)

Instagram: @revistasarau

<https://revistasarau2.wixsite.com/website>

A Revista Sarau é uma revista de Literatura, Música, Cinema, Teatro e Artes Visuais. É uma publicação eletrônica, de submissão aberta, publicada bimestralmente por escritores e artistas comprometidos com a divulgação da Literatura e da Arte em nosso país.

**EXPEDIENTE**

Volume 5 – número 16 – set. / out. de 2025

Fortaleza – CE – Brasil

Publicação Bimestral

Distribuição Gratuita: On-line

**EDITORES:**

Nonato Nogueira

Débora Nogueira

**JORNALISTAS:**

Tiago Rocha de Oliveira - Registro nº MTB/JP 01293-ES

Gerardo Carvalho Frota - Registro nº 1679-CE, em 21/03/2005. DRT 002936/00-92

**CONSELHO EDITORIAL:**

Nonato Nogueira (Editor)

Afrânia Câmara (UERN)

Luciana Bessa (UFCA)

Gerson Augusto Jr. (UECE)

Carlos Gildemar Pontes (UFCG)

Elaine Meireles (Editorial)

Ivan Melo (Revisão geral)

**COLUNISTAS:**

José Roberto Morais

Néia Gava

Aluísio Cavalcante Jr.

Denilson Marques

Lucirene façanha

Elaine Meireles

**REVISÃO E NORMATIZAÇÃO:**

Elaine Meireles e Ivan Melo

**DIAGRAMAÇÃO:**

Nonato Nogueira

**CAPA:**

Reprodução da foto de Francisca Clotilde, Ferreira Gullar e Chico Buarque

**AUDIODESCRIÇÃO:**

Ana Paula Marques

# SUMÁRIO

- 4 - Editorial
- 5 - Estrela-fatal: Francisca Clotilde / Luciana Bessa
- 7 - Francisca Clotilde / Lucirene Façanha
- 8 - Resenha crítica: “mal-estar na civilização”, de Sigmund Freud / Francisco Mesquita
- 9 - Frida Kahlo / Nonato Nogueira
- 10 - Arte Popular / Nonato Araújo
- 11 - Apesar de você / Chico Buarque
- 12 - Análise discursiva da música “Construção” de Chico Buarque / Denilson Marques dos Santos
- 13 - Chico Buarque de Holanda: a importância de sua obra musical na cultura brasileira / Élcio Cavalcante
- 14 - O retrato da tradicional família brasileira feito por Chico Buarque / Eduardo Fontenele
- 15 - Um mergulho na dramaturgia de Chico Buarque de Holanda / Luiza Pontes
- 16 - Traduzir-se / Ferreira Gullar  
O poder dos versos de Ferreira Gullar / Néia Gava
- 17 - A trajetória e a arte de Ferreira Gullar: a voz da poesia e da resistência no Brasil contemporâneo entre e lutas da alma brasileira / Élcio Cavalcante
- 18 - Francisca Clotilde, voz do saber e da liberdade / Inácia Girão  
Amparativista / Luiza Pontes
- 19 - Teatro, música, alma e memória; a história de Ruth Ferreira / Nino Dourado
- 20 - Jáder de Carvalho / Maria Vandi
- 21 - A esperança na sarjeta / Denis Amaral
- 22 - Os antecessores e inspiradores da poesia e da prosa abolicionista / Renata Barcellos
- 24 - A luta diária (Minha) / Renato Bruno
- 25 - A poesia de Sophia / Sophia Jamili Soufi
- 26 - Arte Visual / Amauri Flor
- 27 - Esse oceano de inspiração chamado música brasileira / Aluísio Cavalcante Jr.
- 30 - Clics do sertão / José Roberto Morais
- 31 - A mala da vida / Jasmine Gonçalves  
Verve inquieta / Jorge Furtado
- 32 - Inspiração / A vida pode ser boa / Mariv Dorta  
Tempo / Janaina Menezes
- 33 - Só quem é de lá, sabe! / Ruth Ibiapino
- 34 - O naufrágio do brigue “Kastiça A” / Vinícius Silvério Barreto de Souza
- 35 - Amor nômade / Gustavo Augusto da Silva Cruz  
Heresia / Luan Luna
- 36 - Esperança / Gerson Augusto Jr.  
O encontro no cume da montanha / Francisco Mesquita
- 37 - Tereza Cristina / Tão / Napoleão Feitosa  
Em um bodejo azul! / C. Vagner Lucena
- 38 - Sem A e sem E - rumor do povo / Jonas Serafim
- 39 - Escrevo reticências / Maria Gerlane Cavalcante
- 40 - Enquanto você se abandona o mundo continua / enrico pierro
- 41 - Arte Visual / Carlos Nascimento
- 42 - Escritoras Cachoeirenses  
Caldeirão / Virgínia Pastore  
O “muito” de mim / Olhos castanhos / Mariana Avelar
- 43 - Encontro descasional / Larissa Fidélis Costa
- 44 - A caminho do cinema - uma análise do conto, “O menino” de Lygia Fagundes Telles / Elizaet Jacira Barbosa
- 46 - ALFA: um conto da IA / Leandra de Vasconcelos Queiroz
- 47 - Aprimore suas histórias e seus personagens / Angelo Asson
- 48 - “Espelho meu, espelho meu, existe alguém mais inteligente que eu? Sim a IA. Será?” / Elaine Meireles
- 50 - “A culpa é da Maria? Fortaleza 1986”. / Aristides Braga Neto

# EDITORIAL

Elaine Meireles  
[ponchetart1@gmail.com](mailto:ponchetart1@gmail.com)

A Sociedade Contemporânea assiste, por vezes atônita e inerte, aos avanços tecnológicos, ora se maravilhando com soluções para superpopulações urbanas, ora com a eficiência das inteligências artificiais, ora com o progresso científico marcado por invenções do Conhecimento Moderno.

Contudo, algumas pessoas destacam-se na Sociedade, em que vivem, por solidificarem princípios e atitudes que exigem mais que admiração ou mesmo indiferença. São pessoas que partilham seus ideais, pautados na ação solidária, na justiça social, na liberdade de expressão, ... enfim, no bem-estar da Humanidade.

A Arte, assim como a Ciência, tem sido grande conselheira e companheira dessas pessoas, que contribuem para um mundo melhor, com sua criatividade, sensibilidade, capacidade crítica, e se manifestam através do Teatro, da Música, do Cinema, da Poesia, da Educação, ...

Francisca Clotilde, poetisa/educadora/revolucionária abolicionista, nascida no Sertão dos Inhamuns (em Tauá-CE), Ferreira Gullar, poeta/ensaísta/engajado politicamente, nato numa família de classe media de São Luís (MA) e Chico Buarque de Holanda, carioca (RJ), compositor/cantor/escritor, filho do historiador Sérgio Buarque de Holanda, são destaques do bimestre setembro/outubro da Revista Sarau. Eles são indivíduos que contribuíram e contribuem, com sua Arte e suas ações, para um mundo melhor.

Diante de tantos desencontros e desmantelos na atualidade, quer em pequenas ou grandes dimensões, fica o nosso convite para que possamos mergulhar e refletir sobre a obra desses escritores e de nossos articulistas.

Boa leitura!

# ESTRELA-FATAL: FRANCISCA CLOTILDE

Luciana Bessa

Conheci Francisca Clotilde Castelo Branco tardiamente. É que o patriarcado tem essa prerrogativa de silenciar e de excluir as mulheres do cânone literário. Não só.

Quem me apresentou Francisca Clotilde foi o Grupo de Estudos Filhas de Avalon através da professora Gildênia Moura, cuja tese de doutorado se chama “Mulheres beletristas e educadoras: Francisca Clotilde na sociedade cearense (da segunda metade do século XIX ao limiar do século XX)”. Um texto riquíssimo que precisa ser lido, assim como a própria escritora, essa tauaense nascida no ano de 1862, período em que o Ceará passava por uma grande epidemia: a cólera-morbo.

Em virtude da seca de 1877, a família da autora migra para a cidade de Baturité, onde ela fez o Curso Primário. Logo em seguida, muda-se para Fortaleza, onde Clotilde passa a estudar no Colégio da Imaculada Conceição. Anos depois, em 1921, a escola teria outra aluna brilhante: Rachel de Queiroz, a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras (ABL). Clotilde participou também ativamente do movimento abolicionista integrando a Sociedade das Senhoras Libertadoras ou Cearense Libertadoras, cuja presidente foi Maria Tomásia Figueira Lima. Para Francisca Clotilde “O Ceará é Livre”, poema publicado no jornal O Libertador.

Clotilde foi daquelas jovens que conserva o diário como ferramenta de confidência e de resistência. Talvez por isso, aos 14 anos de idade, já havia publicado seu primeiro texto, poesia, “Horas de Delírio”, no jornal O Cearense, no ano de 1877.

Morando na capital, Francisca Clotilde passa a frequentar o Clube Literário, agremiação que se destacou por suas atividades de fomento à leitura e à literatura contribuindo para a formação cultural da população cearense, fundado por João Lopes, Antônio Bezerra, Oliveira Paiva, José Olímpio, entre outros.

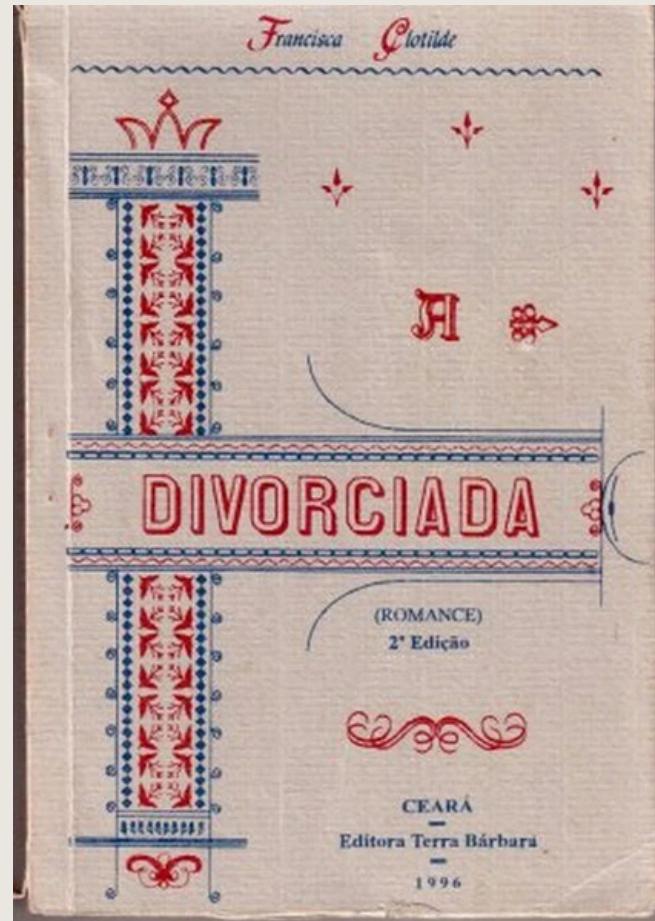


Foto: Divulgação

O Clube Literário manteve uma revista de caráter puramente literário, A Quinzena, onde Francisca Clotilde colaborou com textos voltados para a luta dos direitos iguais entre o gênero masculino e o gênero feminino, como: “A educação moral das crianças na escola”, “A mulher na família”, “Mãe dolorosa”, “A saudade de um anjo”, “Em noite de luar” (conto), “Deserto” (Poesia), além de textos sobre os seus escritores favoritos, como Victor Hugo. Interessante observar que mesmo escrevendo sobre os direitos das mulheres, Francisca Clotilde sempre foi uma escritora da Escola Romântica. Em sua obra, é destaque também seu vínculo ao catolicismo, como pode ser observado no poema “Irmã de Caridade”, publicado no ano de 1883, no jornal O Cearense.

Contrariando a lógica de que a mulher deve ficar no espaço privado, Francisca Clotilde foi a primeira mulher a lecionar na Escola Normal do Ceará, em 1882, além de colaborar em jornais, como: O Domingo, A Evolução, O Libertador etc. É desse ano a publicação do poema “A Liberdade”, no Gazeta do Norte, do qual destaco os versos: “No Brasil, pátria de heróis / Não deve haver mais escravos/ Não deve esta mancha negra / Tingir a fonte dos bravos...”. Sabemos que em pleno século XIX não era fácil ser mulher em uma sociedade feita por homens e para os homens (hoje, ainda, não é) e se posicionar criticamente sobre temas como a escravidão.

Neste mesmo ano, casa-se com Francisco de Assis Barbosa Lima, contudo pouco sabemos da vida do casal. O certo é que em 1886, Clotilde conhece o capitão Antônio Duarte Bezerra, professor do Liceu, e então diretor do jornal O Combate. Três anos depois, ambos publicam o livro *Lições de Aritmética*, obra com objetivos pedagógicos destinada ao universo feminino da Escola Normal.

Depois dessa publicação, Clotilde sai da Escola Normal (ou é demitida?) e funda o “Externato Santa Clotilde”, que funcionou apenas três anos. Seu novo destino é Baturité. Muitas são as lacunas na trajetória de Clotilde, uma mulher entre o século XIX e o XX, onde o patriarcalismo estava pautado (hoje não é diferente) entre vigiar e punir. No ano de 1902, Francisca Clotilde publica o romance *A Divorciada*, causando um escândalo nas letras cearenses, não necessariamente pelo conteúdo, mas pelo título. Lembrando que no Brasil, o divórcio só foi aprovado em 26 de dezembro de 1977 (Lei 6515).

O romance foi publicado cinco anos após a mudança de Francisca Clotilde de Fortaleza para Baturité. A personagem central Nazareth relata seu sonho de se divorciar de seu marido, que fugira do hospital e, anos depois, retorna. Fora da ficção, o marido da autora esteve hospitalizado durante anos. Clotilde teve um relacionamento com o capitão Duarte gerando filhos, não é à toa que enfrentou a sanha de uma sociedade marcada por tabus. Realidade e ficção se unem na obra dessa tauaense.

No ano de 1906, as letras cearenses veem o nascimento do Almanaque do Ceará, A República e a revista A Estrella, difundindo à literatura, à coragem e à fé, na luta por uma sociedade mais justa, editada por mulheres e escrita por centenas de colaboradores de ambos os sexos, entre 1906 e 1921. Neste periódico, encontramos textos das irmãs Sampaio, Abigail e Maria, além das escritoras Francisca e Antonieta Clotilde (mãe e filha)

Pelos meados de 1909 e 1910, surgiu o Ceará Intelectual, organizado pelo professor Joaquim da Costa Nogueira, que possibilitava reflexões sobre o cenário intelectual da época. Esta publicação em prosa, que contou com muitas participações masculinas e poucas femininas, tem textos de Francisca Clotilde – “O Ceará” e “Iracema”. Em 8 de dezembro de 1935, falece Francisca Clotilde. Sobre o seu túmulo “caíram as lágrimas de todos que lhe conheciam a grandeza do gênio e a beleza do coração”, nos confidenciará afirma Stella Barbosa.

Falar Francisca Clotilde é falar de uma andarilha (Tauá- Baturité – Fortaleza – Aracati), que chocou a sociedade a falar de uma temática “antifamiliar”, o divórcio, em uma época em que “o que Deus uniu o homem não separava”.

Entre cidade e litoral (1862-1935), nascimento e morte, entre um Brasil Monarquia e Província, Francisca Clotilde, deixou-nos um legado rico entre a Literatura e a Educação, que espera por você.



Foto: Divulgação

# FRANCISCA CLOTILDE

Lucirene Façanha

Fui agraciada, por conhecer através do Clube de Leitura – CPLI, o jornalista, editor, escritor Raymundo Netto. Ao participar de cursos, oferecido pela Fundação Demócrito Rocha, sobre a Literatura Cearense, conheci Francisca Clotilde, entre outros escritores nossos.

Por sua ousadia, inteligência e compromisso social, a escritora Francisca Clotilde foi uma descoberta para mim. Desde os primeiros tempos de universidade, pesquisei sobre a diferença de gênero. Invisibilidade da mulher em quase todos os campos, apesar de participar ativamente de lutas, batalhas por direitos e igualdade, contestados por uma sociedade opressora.

Numa época totalmente adversa, a escritora enfrentou o machismo estrutural e foi a primeira mulher a lecionar na Escola Normal. Por essa mesma moral burguesa foi demitida ao se separar do marido e se envolver com um também professor da referida instituição.

Escreveu: “A mulher quando ama não pesa consequências. Mas a sociedade, sim, pesa e condena”

Ao publicar o livro “A Divorciada”, narra o drama de uma mulher levada pelas circunstâncias a se separar de um marido jogador contumaz, endividado, que submete vexames à família e foge com a prima, deixando a personagem com um filho que acabara de nascer. Esta obra revela uma crítica contundente à hipocrisia da moral burguesa, que ainda punia essa mulher por não querer continuar casada. À luta por autonomia numa sociedade intransigente.

A escritora formou uma escola mista e laica, contrariando o status quo. Mudou-se para o interior do Ceará, onde beneficiou várias gerações com seu pensamento crítico voltado para emancipação, contra o preconceito, por suas ideias emancipadoras. Publicou em diversos periódicos cearenses e nacionais. Mesmo após sua morte, sua luta, seu compromisso com a Verdade, com a Educação, com a Literatura, abriram caminhos que pareciam impossíveis e que repercutiram na História.



Foto: Divulgação

## AO CORAÇÃO

Francisca Clotilde

Porque suspiras, coração dolorido?  
Ermo de afetos, cheio de amargura!  
Fugiu de ti a plácida ventura!  
Eis-te sozinho, a suspirar desrido!

Não mais no mundo pérvido, iludido.  
Serás de afetos vãos da criatura,  
Brilha em teu céu uma esperança pura,  
É Deus que atenta o ser desiludido!

Busca o conforto místico, que vem  
Trazer-te a luz, que dimanou do bem,  
E que fulgiu nos braços de uma cruz;

Despreza os bens efêmeros da terra,  
Busca o tesouro que somente encerra  
O amor perfeito que sonhou Jesus.

**Lucirene Façanha** – cearense de Morada Nova, reside em Fortaleza/CE. Aposentada do Banco do Brasil, escritora, artesã, mãe de Silvia e Adriana, Graduada em História, com Especialização em Ensino. A partir de 2017, participa de diversas antologias/ coletâneas., Destaque, em 2019, no XXI Prêmios Ideal José Telles e IFPB dois anos seguidos. Publicou em 2020, O Homem na Janela. Em 2021, Hecatombe. Publicou pela Amazon os e-books: Silencio sobre o algodão e O Elo. Em 2024, Pedro e a Noite de São João. Coorganizou a Coletânea Mulheres, Velas e Poesia. Integra os grupos de leitura Conversa e CPLI, o movimento BORALER+; @ lucirenefacanha f lucirene.facanha lucyfacanha@gmail.com

# RESENHA CRÍTICA:

## "O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO", DE SIGMUND FREUD

Francisco Mesquita

### Introdução

Publicado em 1930, "O Mal-estar na Civilização" (no original alemão *Das Unbehagen in der Kultur*) é um dos ensaios mais importantes e sombrios de Sigmund Freud. Nessa obra madura, o pai da Psicanálise reflete sobre a tensão inevitável entre os desejos individuais e as exigências da vida coletiva. Indo além da clínica, Freud propõe uma crítica profunda à própria estrutura da cultura humana, apresentando uma visão pessimista sobre o futuro da civilização.

### Principais Ideias

O eixo central da obra é a constatação de que a civilização — entendida como o conjunto de regras, instituições e restrições que tornam possível a vida em comum — gera, ao mesmo tempo, sofrimento e culpa nos indivíduos.

Freud identifica três fontes inevitáveis de sofrimento humano:

1. A fragilidade do corpo (vulnerabilidade biológica);
2. A hostilidade da natureza (catástrofes, doenças, morte);
3. E, principalmente, a relação com os outros seres humanos.

Segundo ele, a civilização é construída para minimizar os sofrimentos impostos pelas duas primeiras fontes, mas, paradoxalmente, ela intensifica a terceira: a convivência social exige a repressão dos impulsos básicos, principalmente os instintos sexuais (*Eros*) e agressivos (*Thanatos*). A renúncia pulsional, necessária para a ordem social, gera insatisfação e angústia nos indivíduos.

Outro conceito fundamental desenvolvido por Freud é o "sentimento inconsciente de culpa", que emerge mesmo sem que o sujeito tenha consciência de suas transgressões. Essa culpa internalizada torna-se um dos principais mecanismos de controle da sociedade sobre o indivíduo, através do fortalecimento do superego.

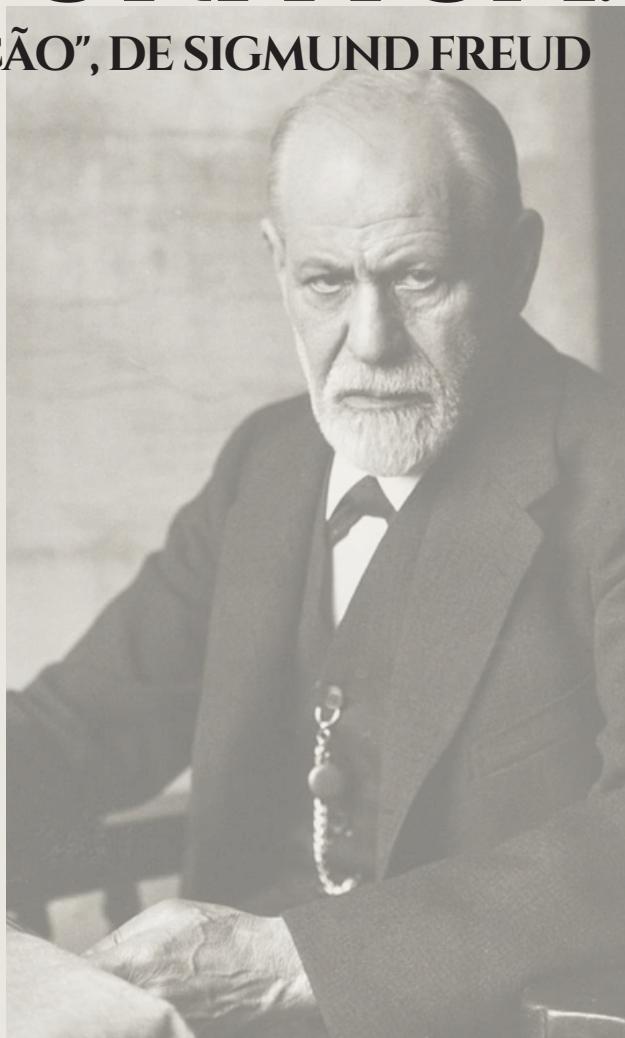


Foto: Divulgação

### Análise Crítica

A força da obra reside na sua capacidade de articular a Psicanálise com uma teoria geral da cultura. Freud rompe com qualquer noção ingênua de progresso linear: para ele, os avanços técnicos e institucionais não eliminam o sofrimento — apenas mudam suas formas.

Seu diagnóstico do mal-estar contemporâneo permanece atual. Em sociedades cada vez mais regulamentadas e conectadas, o sentimento de frustração, inadequação e agressividade contida que ele descreve pode ser reconhecido, por exemplo, nas epidemias modernas de ansiedade, depressão e violência.

No entanto, algumas limitações da perspectiva freudiana podem ser apontadas:

- Pessimismo antropológico excessivo: Freud parece assumir que o ser humano é irremediavelmente dominado por pulsões destrutivas e que qualquer projeto de transformação social será limitado por essa "natureza". Críticas contemporâneas, como as de pensadores humanistas ou mesmo de psicanalistas pós-freudianos, apontam que essa visão reduz o potencial de criatividade, solidariedade e resiliência do ser humano.
- Universalização de experiências culturais europeias: Freud constrói seu diagnóstico a partir da experiência da Europa do início do século XX, marcada por guerras e crise social. Há pouca consideração por outras formas culturais ou modos de organização comunitária que poderiam sugerir outras dinâmicas entre indivíduo e sociedade.
- Ausência de uma dimensão política mais explícita: embora Freud enxergue os mecanismos de repressão cultural, ele não propõe formas de lidar ou reformular as instituições para reduzir o sofrimento — sua análise é descriptiva e resignada.

#### Atualidade da Obra

Apesar de suas limitações, "O Mal-estar na Civilização" continua sendo uma obra de referência indispensável para a compreensão da psique humana no contexto social. Em tempos de crises políticas, polarizações extremas, avanços tecnológicos desenfreados e solidão urbana, as questões freudianas sobre culpa, repressão e agressividade ganham novas ressonâncias.

Autores contemporâneos, como Slavoj Žižek, Zygmunt Bauman, Byung-Chul Han e David Harvey, retomam — direta ou indiretamente — muitas intuições freudianas para pensar as patologias do mundo contemporâneo: o excesso de performance, a violência social difusa, a depressão generalizada.

#### Conclusão

"O Mal-estar na Civilização" é um convite a uma reflexão incômoda, mas necessária: até que ponto o preço pago pela civilização — em termos de repressão e sofrimento psíquico — é compatível com o ideal de felicidade humana? Freud não oferece respostas fáceis, mas provoca uma revisão profunda de nossas expectativas sobre progresso, liberdade e convivência. No limite, sua obra nos força a enfrentar a pergunta fundamental:

O que é ser humano em sociedade, diante dos próprios impulsos e da exigência de viver com o outro?

**Francisco Mesquita.** Cientista social, Assistente social, Psicanalista e graduando em Psicologia

# FRIDA KAHLO

Nonato Nogueira



Foto: Divulgação

No teu corpo  
Enfeitado de flores  
Vejo as cores  
De Frida Kahlo

**Nonato Nogueira** - É professor de História, Filosofia. Sociologia. É mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e autor de livros de Literatura Infanto-juvenil e didáticos de Filosofia para crianças e adolescentes e de História. Organizou cinco antologias de poemas, crônicas e contos. É autor de três livros de poemas, publicados de forma independente. Escreve poemas e crônicas. Seu último trabalho é o livro de poemas filosóficos *A solidão de Nietzsche*, publicado pela Caravana Grupo Editorial em 2023 e *O homem que morava dentro de si*, produção independente (2024). Em 2025 organizou a Antologia *Cartas para Belchior*.  
Contato (85) 988794891  
Instagram: @nonatonogueira45

# ARTE POPULAR



Nonato Araújo é um artista autodidata que desenvolve em sua arte uma linguagem pessoal e original. É membro fundador da Academia Bernardense de Letras e Artes (ABELA). Conato: (85) 987383650

# APESAR DE VOCÊ

Chico Buarque

Amanhã vai ser outro dia  
 Amanhã vai ser outro dia  
 Amanhã vai ser outro dia

Hoje você é quem manda  
 Falou, 'tá falado  
 Não tem discussão, não  
 A minha gente hoje anda falando de lado  
 E olhando pro chão, viu  
 Você que inventou esse estado  
 E inventou de inventar  
 Toda a escuridão  
 Você que inventou o pecado  
 Esqueceu-se de inventar  
 O perdão

Apesar de você  
 Amanhã há de ser outro dia  
 Eu pergunto a você onde vai se esconder  
 Da enorme euforia  
 Como vai proibir  
 Quando o galo insistir  
 Em cantar  
 Água nova brotando  
 E a gente se amando sem parar

Quando chegar o momento, esse meu sofrimento  
 Vou cobrar com juros, juro  
 Todo esse amor reprimido, esse grito contido  
 Este samba no escuro  
 Você que inventou a tristeza  
 Ora, tenha a fineza de desinventar  
 Você vai pagar e é dobrado  
 Cada lágrima rolada nesse meu penar

Apesar de você  
 Amanhã há de ser outro dia  
 'Inda pago pra ver (lá-lá-iá, lá-lá-iá)  
 O jardim florescer (lá-lá-iá, lá-lá-iá)  
 Qual você não queria (lá-lá-iá, lá-lá-iá)  
 Você vai se amargar (lá-lá-iá, lá-lá-iá)  
 Vendo o dia raiar (lá-lá-iá, lá-lá-iá)  
 Sem lhe pedir licença (lá-lá-iá-iá)  
 E eu vou morrer de rir (lá-lá-iá, lá-lá-iá)  
 Que esse dia há de vir (lá-lá-iá, lá-lá-iá)  
 Antes do que você pensa (lá-lá-iá-iá)

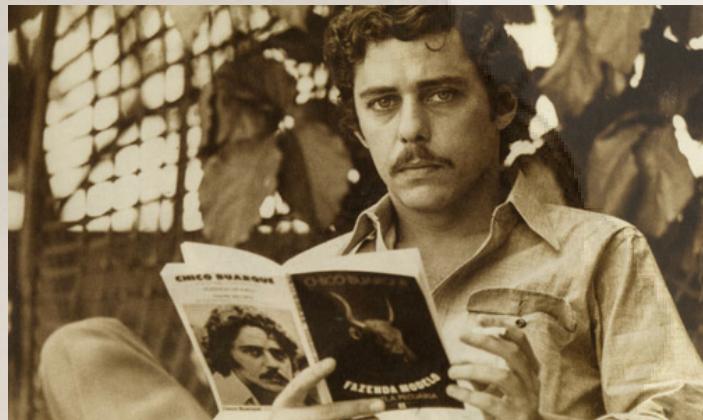


Foto: Divulgação

Apesar de você  
 Apesar de você  
 Amanhã há de ser outro dia  
 Você vai ter que ver (lá-lá-iá, lá-lá-iá)  
 A manhã renascer (lá-lá-iá, lá-lá-iá)  
 E esbanjar poesia (lá-lá-iá, lá-lá-iá-lá)  
 Como vai se explicar (lá-lá-iá, lá-lá-iá)  
 Vendo o céu clarear (lá-lá-iá, lá-lá-iá)  
 De repente, impunemente (lá-lá-iá, lá-lá-iá)  
 Como vai abafar (lá-lá-iá, lá-lá-iá)  
 Nosso coro a cantar (lá-lá-iá, lá-lá-iá)  
 Na sua frente (lá-lá-iá, lá-lá-iá)  
 Apesar de você  
 Apesar de você  
 Amanhã há de ser outro dia  
 Você vai se dar mal (lá-lá-iá, lá-lá-iá)  
 Etcetera e tal  
 Lá-lá-iá, lá-lá-iá (lá-lá-iá, lá-lá-iá)  
 Lá-lá-iá, lá-lá-iá (lá-lá-iá, lá-lá-iá)  
 Lá-lá-iá, lá-lá-iá (lá-lá-iá, lá-lá-iá)  
 Lá-lá-iá-lá (lá-lá-iá-lá)  
 Lá-lá-iá, lá-lá-iá (lá-lá-iá, lá-lá-iá)  
 Lá-lá-iá-lá (lá-lá-iá-lá) apesar de você  
 Apesar de você  
 Amanhã há de ser

**Francisco Buarque de Holanda**, mais conhecido como Chico Buarque, é um cantor, compositor, violonista, dramaturgo, escritor e ator brasileiro. É considerado por muitos críticos o maior artista vivo da música brasileira.

# ANÁLISE DISCURSIVA DA MÚSICA “CONSTRUÇÃO” DE CHICO BUARQUE

Denilson Marques dos Santos

A música “Construção”, de Chico Buarque, foi composta durante a Ditadura Militar Brasileira, em um momento em que a repressão política se intensificava. A referida canção dá visibilidade à figura do trabalhador comum, especialmente o operário da construção civil, símbolo da classe trabalhadora urbana explorada e silenciada. O Brasil vivia o chamado “milagre econômico”, caracterizado pelo crescimento econômico do país, mas com profundas desigualdades sociais existentes.

## Temas e Estratégias Discursivas na Canção

1. Como um “Sujeito Apagado”: O sujeito da canção é um operário anônimo. Ele não tem nome, não tem voz e aparece apenas como “ele”. Esta anonimização tem função discursiva na revelação do apagamento dos trabalhadores na lógica capitalista. O operário é descrito por suas ações repetitivas e rotineiras, como se fosse uma engrenagem da produção.

**“Amou daquela vez como se fosse a última  
Beijou sua mulher como se fosse a última”**

O recurso da anacoluto sintático (“como se fosse a última”) enfatiza a ideia de urgência e repetição. Tudo é feito como se fosse a última vez, o que expõe a fragilidade da vida do trabalhador.

2) Estrutura Circular e com Repetição: A música tem três estrofes principais, todas com a mesma estrutura sintática, mas que se transformam com mudanças mínimas nas palavras finais dos versos. Estas variações mudam o significado e ampliam os sentidos da canção.

**“Morreu na contramão atrapalhando o tráfego...  
Morreu na contramão atrapalhando o público...  
Morreu na contramão atrapalhando o sábado”**

A mudança no termo final aponta para a desumanização progressiva. A morte do trabalhador é tratada como incômodo, não como tragédia. Isto revela, então, uma crítica social profunda, ou seja, a vida do operário vale pouco e sua morte é apenas um obstáculo à ordem da cidade.

3) Discursos em Conflito [Humano X Sistema]: Há um embate entre dois discursos, que são: o discurso da vida humana, feita de amor, desejos, cotidiano e o discurso da máquina social, que instrumentaliza, consome e descarta. O trabalhador é transformado em mercadoria, em outras palavras seu corpo é absorvido pela lógica da construção e destruído por ela. O discurso da “ordem” urbana, da produtividade, do crescimento econômico, se choca com a narrativa da vida precária do operário.

4) Musicalidade e Linguagem: A escolha por palavras proparoxítonas no final de cada verso (“mecânica”, “doméstica”, “bucólica”, “metálica”) cria uma sonoridade marcada e artificial, quase mecânica, refletindo o automatismo da rotina do trabalhador. Isto é uma estratégia discursiva e estética que denuncia o processo de robotização da vida humana.

Memória Discursiva e Intertextualidade utilizadas por Chico

A canção convoca uma memória discursiva do trabalho precarizado, da cidade moderna que exclui e opõe. Há ecos de outras vozes sociais silenciadas: o trabalhador pobre, o corpo negro, o nordestino migrante. Estas vozes aparecem indiretas, em silêncio, mas são materializadas no discurso do narrador.

Destarte, “Construção” é uma obra que transcende o estético e entra no campo do político, do pedagógico e do filosófico. É uma música que nos convoca a refletir sobre quem constrói a cidade, quem morre por ela, e quem colhe os frutos deste processo do crescimento econômico na perspectiva da Construção Civil.

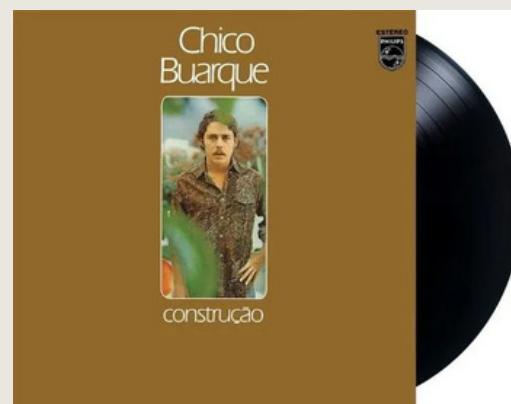


Foto: Divulgação

**Denilson Marques dos Santos** - Mestre em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (PPGCR/UEPA); Graduado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA); Membro do Grupo de Pesquisa (GP) Arte, Religião e Memória (ARTEMI/UEPA); Docente da Secretaria Executiva de Educação (SEDUC-PA) e da Secretaria Municipal de Educação (SEMED-Ananindeua) / Ministrando as Disciplinas “Filosofia” e “Estudos de Religião”; E-mail: dede\_cecilia@yahoo.com.br / Contato: (91) 98212-3606.

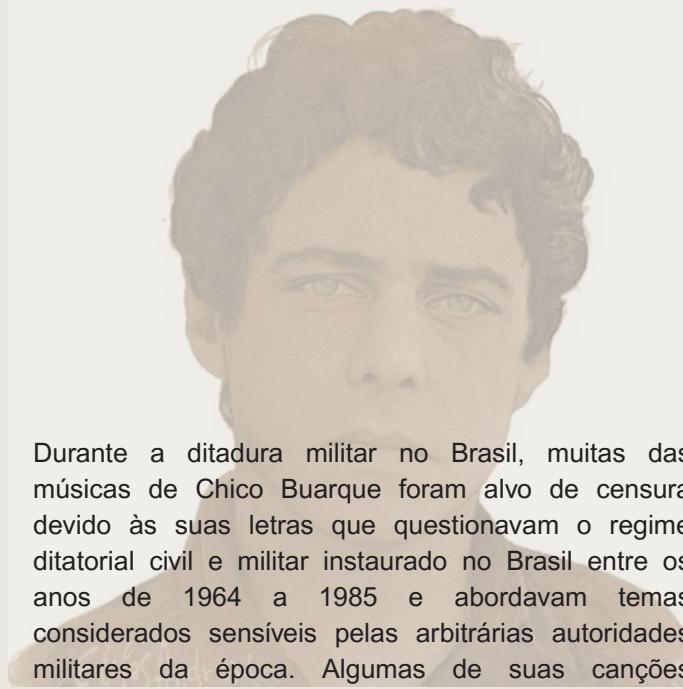
## CHICO BUARQUE DE HOLANDA: A IMPORTÂNCIA DE SUA OBRA MUSICAL NA CULTURA BRASILEIRA

Élcio Cavalcante

(Dedico essa crônica poética para a Professora Universitária, Fabiane Batista Pinto e a Advogada, Monalisa Alencar, ambas fãs incondicionais do artista).

A obra musical de Francisco Buarque de Holanda é de extrema importância para a cultura brasileira. Nasceu no Rio de Janeiro, em 19 de junho de 1944, ao longo de sua carreira, Chico Buarque compôs músicas que retratam as nuances da sociedade brasileira, abordando temas como amor, cotidiano, política, desigualdade social e injustiças em geral. Suas letras poéticas, líricas e melodias envolventes conquistaram não só o Brasil, mas também o reconhecimento internacional.

No mês de junho de 2024, foram comemorados os 80 anos do nosso maior letrista da Música Popular Brasileira – MPB, sem nos esquecermos do talento versátil do artista, pois é cantor, compositor, músico, ator e escritor, Chico Buarque que contribuiu significativamente para a MPB, influenciando gerações de artistas e compositores com sua discografia magistral. Sua obra é um verdadeiro tesouro nacional, que merece ser valorizado e estudado, tanto pelo seu aspecto artístico quanto pelo seu impacto político, social e cultural. Suas canções geralmente abordam questões sociais e políticas, além de explorar temas universais como o amor e as relações humanas. Chico Buarque também é reconhecido por sua habilidade em retratar a vida cotidiana e as experiências do povo brasileiro em suas letras, experimentando com diversos gêneros musicais, como a bossa nova, samba, bolero, valsa, música tradicional popular brasileira e outros estilos. Sua contribuição para a música brasileira vai além das canções, já que ele também é um importante dramaturgo e autor de peças musicais. Sua obra representa uma parte significativa da identidade cultural do Brasil e continua a inspirar e influenciar artistas até os dias atuais.



Durante a ditadura militar no Brasil, muitas das músicas de Chico Buarque foram alvo de censura devido às suas letras que questionavam o regime ditatorial civil e militar instaurado no Brasil entre os anos de 1964 a 1985 e abordavam temas considerados sensíveis pelas arbitrárias autoridades militares da época. Algumas de suas canções censuradas incluem "Apesar de Você", que trazia críticas veladas ao governo, "Cálice", uma parceria com Gilberto Gil que utilizava metáforas para falar sobre a repressão e a resistência, e "Roda Viva", que também confrontava o autoritarismo militar vigente naquela época no país. A censura imposta às suas músicas evidencia o impacto e a coragem de Chico Buarque em se posicionar contra a opressão e a falta de liberdade de expressão e liberdade geral durante aquele período histórico sinistro, sombrio e conturbado no Brasil. Essas músicas censuradas se tornaram símbolos de resistência e manifestações artísticas em meio à repressão política daquele período tenebroso.

Em síntese, a obra musical de Chico Buarque de Holanda transcende o âmbito artístico, tornando-se um reflexo da história, da cultura e da sociedade brasileira. Suas letras poéticas e melodias marcantes abordam questões profundas e atemporais, conquistando admiradores dentro e fora do país. Além disso, a censura imposta às suas músicas durante a Ditadura Civil e Militar ressalta a relevância do seu trabalho como instrumento de resistência e expressão artística em tempos de repressão. Chico Buarque com seu legado cultural inestimável, tem influenciado gerações e consolida-se como um dos mais importantes artistas da Música Popular Brasileira. Sua contribuição não apenas enriquece o cenário musical, mas também contribui para a reflexão e o debate sobre questões sociais e políticas, garantindo-lhe um lugar de destaque na Cultura do Brasil e do mundo.

**Élcio Cavalcante**, Professor de História

## O RETRATO DA TRADICIONAL FAMÍLIA BRASILEIRA FEITO POR CHICO BUARQUE

Eduardo Fontenele

O romance “Leite Derramado”, de Chico Buarque, trata basicamente das memórias de um idoso centenário chamado Eulálio d’Assumpção, que as conta para interlocutores que não possuem voz na narração do livro. O romance de Chico possui características machadianas e rosianas, como um Brás Cubas narrador ainda vivo, ou um Riobaldo que conta suas memórias a um interlocutor invisível dentro da história do romance. Na verdade, as interlocutoras são sua filha, as enfermeiras do hospital onde ele se encontra internado e quem mais se dispuser a ouvi-lo, mas o romance não exibe os comentários de nenhuma delas, o que transforma a narrativa contada pelo idoso enfermo em um monólogo.

O romance possui como força motriz a paixão avassaladora de Eulálio por sua musa Matilde, que pode tê-lo traído com Dubosc, um francês arrogante com características de um verdadeiro Escobar, do livro de Machado de Assis, “Dom Casmurro”.

O destino trágico de Matilde não fica muito claro durante o livro. As lembranças de Eulálio são confusas e sem ordem cronológica, devido ao mal de Alzheimer do protagonista. O caráter da musa é visto de forma volúvel. O romance é também uma saga familiar que abarca parte considerável da história brasileira.

Vários personagens da Família Assumpção têm nomes semelhantes, como no romance “Cem Anos de Solidão”, do saudoso escritor colombiano Gabriel García Márquez. Eulálio é o elo que liga várias gerações da Família Assumpção, pois como disse no início do texto, é um personagem centenário, como a Úrsula Iguarán, do clássico de García Márquez.

A narrativa inicia com Eulálio ainda criança, que é quando conhece Matilde, o amor de sua vida. Eles se conhecem na igreja. Eulálio sente um impulso lascivo quando conhece Matilde. O que logo se torna amor. O amor é correspondido, o que não impede que o narrador do livro sinta ciúmes da moça. Após se casarem, Eulálio questiona-se muitas vezes se Matilde o traiu com o engenheiro francês Dubosc.

Mesmo após o sumiço da esposa, a memória que o marido tem dela é bastante nebulosa e imprecisa. Há várias versões do fim trágico de Matilde. Uma das versões é que foi vítima de tuberculose, que foi para um sanatório e morreu por lá. O período histórico era a década de 20, quando a tuberculose ainda não tinha cura. O viúvo amava tanto a esposa que não voltou a se casar após sua morte. Guardou luto eterno.

A sensualidade de Matilde incomodava o protagonista, que enxergava nela uma verdadeira devassa. O marido a censurava em segredo por ela gostar de dançar o maxixe. Aparentemente algo considerado moralmente reprovável entre a elite econômica brasileira. Talvez por causa da cor de sua pele, ela fosse vista como hiperssexualizada, como ocorre com as pessoas de cor negra. Essa é a visão que alguns brancos têm da raça negra. O que é uma forma de racismo. No início do romance, o Eulálio adolescente se questionava se deveria propor sexo ao escravo de sua família, chamado Balbino. Ele pensava em “enrabar” Balbino. E após conhecer Matilde, sentiu uma atração visceral pela jovem, que o deixava excitado só por estar em sua presença, sem nenhuma provocação aparente.

No decorrer das décadas, a Família Assumpção sofreu uma derrocada econômica e de prestígio dentro da alta sociedade carioca. Eulálio encontra-se internado em um hospital público, porque não tem condição financeira de pagar um hospital particular. O romance de Chico trata da derrocada da família tradicional burguesa brasileira. A família retratada gozou de imenso prestígio desde o tempo da monarquia e do regime escravocrata, tendo alguns políticos entre seus membros, até entrar em decadência. Os Assumpção sempre estiveram envolvidos com a alta sociedade e com o poder no país, mas seu patrimônio foi se deteriorando devido à má administração do dinheiro por parte dos herdeiros de Eulálio.

O tataraneto do narrador vendeu o casarão em que Eulálio vivia com sua filha, Maria Eulália. Eulálio acabou despejado e jogado em um casebre bastante humilde como se fosse um traste sem nenhuma utilidade. O que retrata a triste realidade dos idosos e doentes brasileiros. São esquecidos pelos familiares e tratados com descaso, pois perderam a utilidade para a família e para a sociedade depois que se aposentaram, ou adoeceram, como o personagem Gregor Samsa, da novela “A Metamorfose”, do escritor tcheco Franz Kafka. Quando deixamos de contribuir financeiramente com o sustento da família, deixamos de ser humanos, nos tornamos insetos monstruosos, que só servem para trazer despesa e constrangimento para os parentes e para a sociedade. Nos tornamos um peso a ser carregado e tolerado. Muitos

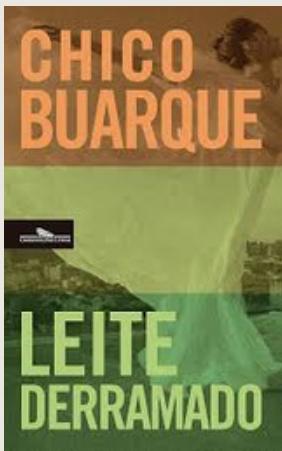


Foto: Divulgação

são até jogados em instituições para serem esquecidos pela família. Ou esquecidos num quarto da casa até morrerem, como Gregor.

A história de Eulálio e da Família Assumpção retrata um extenso período da história do Brasil. O enredo memorialístico urdido por Eulálio reflete a relação perversa e repleta de sadismo entre a elite branca brasileira e mazelas como a escravidão do povo negro no país. O livro revela fatos ocorridos durante a monarquia, o Império, as ditaduras de Vargas e do Golpe de 1964, até os dias de hoje. O romance de Chico pega os fatos históricos e os reconta como a mais saborosa ficção.

Texto escrito para comemorar os 80 anos de nascimento de Chico Buarque de Holanda. Chico é considerado um dos principais compositores da história da Música Popular Brasileira. Mais recentemente revelou sua faceta romancista. Seu primeiro romance foi "Estorvo", de 1991. Chico já havia escrito peças de teatro, uma novela e um livro infantil, quando se reinventou como um aclamado romancista brasileiro. Recebeu o prestigioso Prêmio Camões em 2019, mas só entregue de fato em 2023, devido a uma questão política envolvendo a extrema direita brasileira.

**Eduardo Fontenele** é contista e romancista cearense de Fortaleza. É autor do livro "A Morte de Benjamin Siegel" (contos), "O Andarilho Participou" (conto - Coletânea "Cenas para Escrever Teus Olhos"). Participa da Bienal Internacional do Livro do Ceará em sua XIV edição, em 2022. Participou da Antologia "Noites de Horror", com o conto "Saint Germain" (2023), da Coletânea "Entre Vampiros", com o conto "Entre os Túmulos", e lança seu primeiro romance, "O Mártir Excêntrico", pela Caravana Grupo Editorial, ambos de 2024.

## UM MERGULHO NA DRAMATURGIA DE CHICO BUARQUE DE HOLANDA

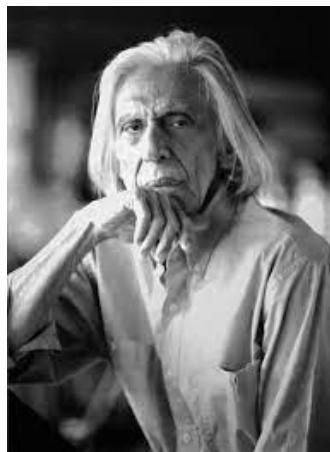
Luiza Pontes

Chego em casa e, por alguns instantes, começo a folhear um livro que encontro na estante, a fabulosa obra de teatro denominada "Gota d'Água", de autoria de Chico Buarque com o autodidata e fabuloso dramaturgo Paulo Pontes. Uma parceria inteligente e sutil que ganhou o Prêmio Molière de melhor autoria. Na realidade, foi uma peça teatral musical que se tornou um clássico da dramaturgia brasileira, sendo uma adaptação da tragédia grega "Medeia", de Eurípedes. Ambientado num contexto social e político da sociedade brasileira com foco na relação amorosa de Joana, que fora abandonada por seu marido Jasão, que se tornou um sambista famoso, largando a esposa para se casar com Alma, filha do rico comerciante Creonte. Por não suportar o abandono de Jasão, Joana mata os dois filhos e suicida-se durante a festa de casamento de Jasão com Alma.

Esta peça foi escrita em 1975, e publicada num livro com o mesmo título, perfazendo assim cinquenta anos de sua publicação. Para comemorar a data, foi prevista uma adaptação em forma de longa-metragem deste drama com direção do cineasta Fábio Meira. Este drama se sobressai por uma narrativa de resistência diante da traição e, sobretudo, das dificuldades financeiras de uma favela carioca, num cenário de desigualdades e opressões do Conjunto Habitacional denominado A Vila do Meio-Dia. Outro fato importante neste musical é a composição musical desenvolvida por Chico Buarque, dividida em dois atos, com as seguintes composições: "Gota D'Água" e 'Basta um Dia", ambas letras e músicas de Chico, destacando o solilóquio "Veneno" no drama.

Fico a imaginar o desempenho de Bibi Ferreira protagonizando Joana, e também o solilóquio "Veneno", no final da peça, e o quanto tudo isso foi um marco para a Dramaturgia Brasileira, selando a parceria de Chico Buarque com Paulo Pontes. Uma obra que ficou imortalizada pela sua maestria e força interpretativa, rica musicalidade, denunciando as desigualdades sociais num período bem desgastado, ressaltando a volta de Chico Buarque do exílio, em 1970, por ter escrito a canção "Apesar de Você", criticando a Ditadura Militar. Chico produziu muitas composições, e para se livrar da perseguição da proibição de suas composições, usou alguns pseudônimos femininos, sempre de forma criativa.

**Luiza Pontes** é cearense, nascida na cidade de Fortaleza. Administradora de Empresas, Professora, Pesquisadora, Escritora, Dramaturga, Atriz e Diretora Teatral. Participa de coletâneas e antologias, desde o ano de 1999, com a Academia da Incerteza, Grupo Resistência Mandacaru e com a Revista Sarau. Desde 2020, confecciona folhas de Scrapbook com fragmentos literários, personificação de porta-retratos e trabalha com performances teatrais com trechos de fragmentos literários. Participa de saraus da AABLA, da Revista Sarau, do Clube de Leitura Conversa, do Mulherio das Letras no Ceará e do Coletivo Lamparinas de Literatura Infantil e Infanto-Juvenil. Em 2024, lançou seu primeiro livro infanto juvenil, "Uma Galinha chamada Teresa", pela Editora Karuá e "As Aventuras de Laurinha com a Lagartixa" pela Editora Caneca.



## Traduzir-se

*Ferreira Gullar*

Uma parte de mim  
é todo mundo:  
outra parte é ninguém:  
fundo sem fundo.  
Uma parte de mim  
é multidão:  
outra parte estranheza  
e solidão.  
Uma parte de mim  
pesa, pondera:  
outra parte delira.  
Uma parte de mim  
almoça e janta:  
outra parte  
se espanta.  
Uma parte de mim  
é permanente:  
outra parte  
se sabe de repente.  
Uma parte de mim  
é só vertigem:  
outra parte,  
linguagem.  
Traduzir uma parte  
na outra parte  
– que é uma questão  
de vida ou morte –  
será arte?

Ferreira Gullar, pseudônimo de José Ribamar Ferreira, foi um poeta, escritor, crítico de arte, biógrafo, tradutor, memorialista e ensaísta brasileiro, reconhecido como um dos principais e mais importantes poetas brasileiros da segunda metade do século XX.

# O PODER DOS VERSOS DE FERREIRA GULLAR

Néia Gava

Eis que em tudo  
Há dois lados,  
Opostos... conflitos.  
E eis que em um  
Poema, tão puro,  
Belo, leve...  
Há o feio,  
O sujo.  
O belo alivia,  
Acalenta a alma,  
Adaga olhos chorosos...  
O sujo, de tão sério,  
Sincero, calejado,  
Envereda por verdades  
Outrora não ditas  
Ou escritas.  
O poema sujo  
De tão honesto  
Beira a genuidade.  
Nele, há fome,  
Desprezo, miséria,  
Exclusão...  
Tudo regado a lágrimas  
De dores...  
Manifestos poéticos,  
Desabafos...  
O que há de sujo?  
Sinceridade que ofende,  
Que desmantela poderes,  
que chocalha líderes...  
De tão belo e sincero  
E forte e poderoso  
O poema se faz  
Sujeito que acalenta  
E que assusta.



Néia Gava - Especializada em Letras: Português e Literatura. É poetisa e escritora. Possui Antologias Poéticas publicadas. Membro do Conselho Municipal de Política Cultural de Vargem Alta-ES. Acadêmica Correspondente da Academia de Letras e Artes de Venda Nova do Imigrante-ES (ALAVENI). Acadêmica Correspondente da Academia Pan-Americana de Letras e Artes do Rio de Janeiro (APALA-RJ). Colunista da Revista Sarau (CE-Fortaleza). Membro nº 001039 da Academia Internacional de Literatura Brasileira. Coordenadora Diocesana da Pascom - Área das Rochas - ES. Coordenadora de núcleo no Coletivo Escritoras Cachoeirenses.

## A TRAJETÓRIA E A ARTE DE FERREIRA GULLAR: A VOZ DA POESIA E DA RESISTÊNCIA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO ENTRE VERSOS E LUTAS DA ALMA BRASILEIRA

Élcio Cavalcante

“A arte existe porque a vida não basta”.

José Ribamar Ferreira, o poeta neoconcretista Ferreira Gullar, nasceu em São Luís do Maranhão, em 10 de setembro de 1930 e faleceu no Rio de Janeiro – RJ, em 04 de dezembro de 2016, aos 86 anos de idade, é um dos mais importantes poetas e ensaístas da Literatura Brasileira. Sua obra é marcada pela busca de uma linguagem que expresse a realidade social e cultural do Brasil, além de refletir sua trajetória pessoal e política.

O poeta Ferreira Gullar começou sua carreira literária na década de 1940, mas ganhou destaque nos anos 1970 com o Movimento do Concretismo, embora posteriormente tenha se distanciado dessa corrente. Sua poesia é conhecida por seu lirismo intenso e pela profundidade com que aborda temas como a solidão, a liberdade e a busca por identidade. Seus livros mais famosos são “Um pouco acima do chão” – (1949), “A Luta Corporal” – (1954), “Dentro da Noite Veloz” – (1975) e o “Poema Sujo” – (1976), e são excelentes exemplos de sua habilidade em misturar reflexões filosóficas com uma linguagem poética acessível.

Além de poeta, Ferreira Gullar também foi um crítico social engajado. Durante a ditadura militar no Brasil, ele se exilou, vivendo em diversos países, como Argentina e França. Essa experiência em contato com diferentes culturas e realidades influenciou profundamente sua obra, que sempre buscou captar as nuances da vida urbana e as injustiças sociais.

Em 1976, recebeu o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte; em 2005, foi contemplado com o Prêmio Machado de Assis; em 2010, Gullar recebeu o Prêmio Camões, uma das mais altas honrarias da Literatura em Língua Portuguesa. Reconhecendo sua contribuição inestimável à Cultura Brasileira, recebeu também o Prêmio ABL de Literatura Infantojuvenil, em 2011. Ele faleceu em 2016, mas seu legado continua vivo através de suas poesias e ensaios, que inspiram novas gerações de leitores e escritores.

Assim, Ferreira Gullar não é apenas um poeta maranhense; ele é uma voz fundamental na construção da identidade literária do Brasil. Sua obra nos convida a refletir sobre nossas próprias vidas e sobre a sociedade em que vivemos.

### Biografia e Formação

Ferreira Gullar, pseudônimo do poeta, cujo nome completo é José Ribamar Ferreira, desde jovem, mostrou interesse pela Literatura e pelas Artes. Estudou em colégios religiosos e começou a escrever poesias na adolescência. Sua formação foi marcada por influências de grandes escritores e filósofos, que moldaram seu pensamento crítico.

### Contribuições Literárias

Um dos aspectos mais marcantes da obra do poeta Ferreira Gullar é sua transição entre diferentes estilos literários.

- Poesia Concreta: Nos anos 1950, ele se aproximou do Concretismo, um movimento que buscava romper com a forma tradicional da poesia. Embora tenha sido um dos nomes importantes do movimento, Gullar posteriormente criticou a rigidez do Concretismo e buscou uma linguagem mais fluida e emocional.
- Poesia Social: Sua obra “A Luta Corporal” (1954) e “Poema Sujo” (1976) são exemplos claros de sua preocupação com questões sociais e políticas. Nela, Gullar explora a realidade brasileira sob a ótica da luta e da resistência.

### Engajamento Político

Durante o regime militar brasileiro (1964-1985), Gullar se tornou um crítico feroz da repressão política. Em 1969, foi preso por suas atividades políticas e depois se exilou no exterior. Durante seu tempo fora do Brasil, viveu no Chile, Argentina e na França, onde continuou escrevendo e se engajando em movimentos pela liberdade de expressão.

### Reconhecimento

Ferreira Gullar recebeu vários prêmios ao longo de sua carreira literária, incluindo o Prêmio Jabuti e o Prêmio Camões. Sua contribuição à Literatura Brasileira foi reconhecida não apenas por sua poesia, mas também por seus ensaios críticos que abordam questões culturais e políticas.

### Legado

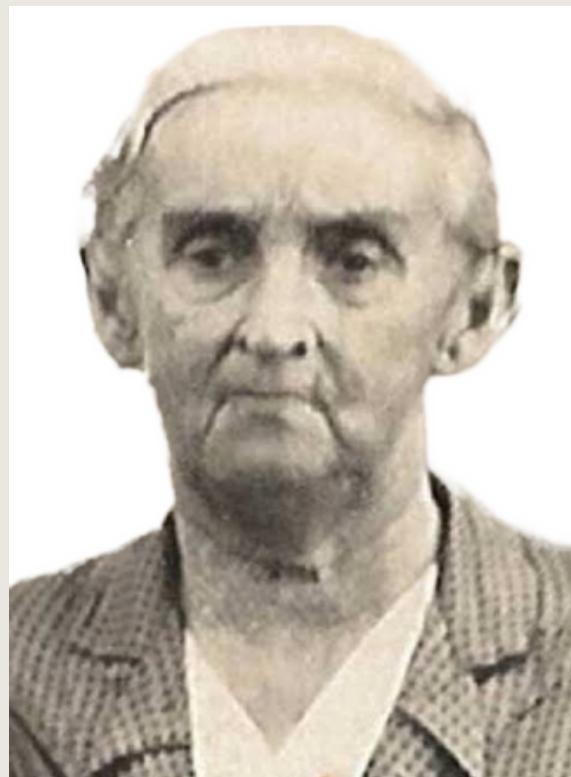
Ferreira Gullar faleceu em 4 de dezembro de 2016, mas seu legado perdura através de suas obras que continuam a ser estudadas e admiradas. Ele deixou uma marca indelével em nossa literatura, inspirando novos escritores a explorar temas sociais e existenciais em suas produções artísticas.

Em síntese, Ferreira Gullar foi mais do que um poeta, escritor, biógrafo, tradutor, memorialista, ensaísta, teatrólogo e dramaturgo brasileiro. Ele foi um verdadeiro cronista da alma brasileira. Sua obra reflete não apenas suas vivências, mas também as lutas e esperanças de um povo que busca por liberdade e identidade. Ao longo de sua trajetória, soube captar a essência da condição humana, abordando temas universais com uma profundidade que ressoa em diferentes contextos sociais e históricos. Sua poesia, marcada por uma linguagem clara e acessível, continua a inspirar leitores e escritores, reafirmando seu lugar como um dos grandes nomes da Literatura Brasileira. Através de suas palavras, o escritor nos convida a refletir sobre nós mesmos e sobre o mundo ao nosso redor, perpetuando seu legado como uma voz fundamental na cultura poética do Brasil.

Élcio Cavalcante, Professor de História

## FRANCISCA CLOTILDE, VOZ DO SABER E DA LIBERDADE

Inácia Girão



Francisca Clotilde.  
Foto: Divulgação

Nasceu no tempo em que o mundo era acanhado,  
Francisca Clotilde, mulher de fibra e paixão,  
Fez-se mestra, poeta e escritora destemida.  
Ergueu-se com firmeza na luta e na educação.

Primeira professora a iluminar a Escola Normal  
Pedro II, na Terra do Sol,  
Fortaleza viu sua estrela a brilhar,  
Com livros e sonhos, abriu portas ao saber,  
E no Externato Santa Clotilde, fez o ensino prosperar.

Na abolição dos escravos, foi presença marcante,  
No meio das Senhoras Libertadoras, sua voz ressoou,  
Com coragem, ergueu bandeiras de justiça,  
E no jornal A Evolução, seu ideal publicou.

Escreveu contos, crônicas, sonetos e poesia,  
Versos soltos que o tempo não conseguiu guardar,  
Mas seu romance, A Divorciada, rompeu silêncios,  
Um grito de mulher a se libertar.

Em noções de aritmética, tornou leve o aprendizado,  
Com alegria ensinava a contar e a pensar,  
E na memória de seus pais um tributo dedicado,  
Contos de ternura em cada verbo a pulsar.

A amiga Alba Valdez, sobre Clotilde reiterava:  
Sua pena é pura luz, brilha em prosas,  
em poesia, em fantasia encantada.  
Fosse ela de outras terras, mais justas e calorosas  
Seria ovacionada, aclamada, celebrada

Mas Francisca Clotilde quis ficar no Ceará,  
Terra de luta, resistência e liberdade.  
Essa mulher que jamais se curvou,  
Deixou nos livros, nas ruas e nas salas de aula,  
O perfume imortal da coragem que educou.

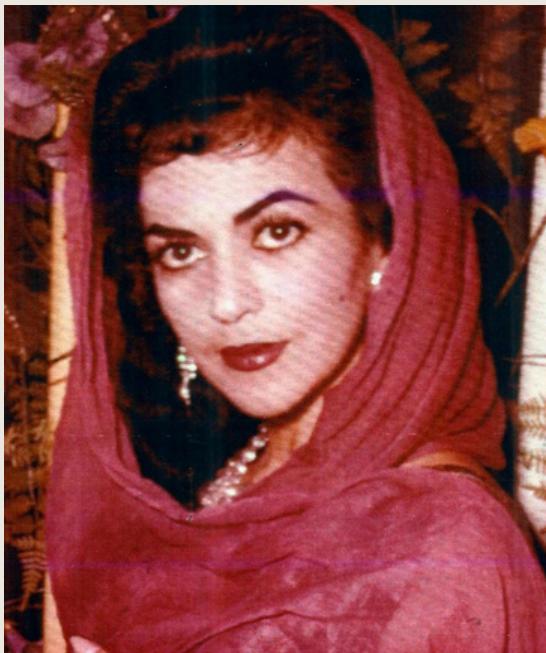
## AMPARATIVISTA

Luiza Pontes

A dramaturga Dona Chiquinha  
revolucionou com a  
Amparativista, na Revista  
Estrella com grande maestria.

Luiza Pontes é cearense, nascida na cidade de Fortaleza. Administradora de Empresas, Professora, Pesquisadora, Escritora, Dramaturga, Atriz e Diretora Teatral. Por anos, participou de várias coletâneas e antologias, desde o ano de 1999 com a Academia da Incerteza, depois com o grupo Resistência Mandacaru e, mais recentemente, com a Revista Sarau.

INÁCIA MARIA GIRÃO NEPOMUCENO - cearense (Morada Nova). Membro da Academia Feminina de Letras do Ceará, da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, e dos coletivos Mulherio das Letras Ceará, Clube Ponto de Leitura Itinerante e Revista Sarau. Livros publicados/prelo: Pintando a Própria Vida (2015), Sabores e Afetos – Uma trajetória pela literatura e o cinema. Seus textos constam em diversas coletâneas, entre elas: Refúgio nas Letras; Conexões Atlânticas; In-finita Lisboa.



Ruth Ferreira na década de 1950.

Foto: Divulgação.

Na paisagem cultural da cidade de São Paulo efervescente dos anos 1950, havia uma estrela que reluzia nos palcos dos Teatros de Revista com graça, ousadia e talento: Ruth Ferreira (1933-2019). Atriz, cantora e figura marcante da cena artística brasileira, Ruth foi muito mais que uma intérprete — foi uma alma pulsante da arte popular, uma dessas mulheres cuja luz ultrapassa os limites do tempo.

Minha aproximação com sua história se deu através das redes sociais, mais precisamente por meio da página @ruthferreiratriz, criada com afeto e zelo por sua filha, a também atriz Maura Ferreira. O perfil funciona como um verdadeiro relicário de lembranças: fotografias raras, recortes de jornais, vídeos, textos e homenagens que mantêm viva a memória de uma mulher que fez da arte sua casa e missão.

Mas foi graças ao querido amigo Dino Nery — ator, cantor, compositor e escritor — que essa porta foi escancarada para mim. Dino, sempre generoso com suas conexões e histórias, me apresentou a Maura, e a partir desse encontro, fui guiado por um rio de descobertas, emoções e admiração. Em um gesto de confiança e generosidade, Maura e o grupo Os Albertos me disponibilizaram o acervo pessoal de Ruth Ferreira — um tesouro que agora pulsa também em minhas memórias.

Ruth nasceu com a arte no sangue. Filha e neta de artistas, cresceu envolta em bastidores, luzes de cena e o cheiro de maquiagem e madeira dos palcos. Sua trajetória cruzou com grandes nomes da cultura nacional, como a mítica Luz Del Fuego — ícone da liberdade e da performance, conhecida por sua beleza provocadora e seu compromisso com o rompimento de padrões.

# TEATRO, MÚSICA, ALMA E MEMÓRIA: A HISTÓRIA DE RUTH FERREIRA

Nino Dourado



Ruth Ferreira e sua filha Maura Ferreira em 2018.

Foto: Divulgação.

Uma das passagens mais emocionantes dessa ligação entre Ruth e Luz é narrada com ternura por Maura: ela ainda era uma menininha de apenas três anos quando viu a mãe chorando ao ler, numa revista, a notícia da morte de Luz Del Fuego. Ruth segurava a publicação como se apertasse o coração nas mãos. Aquela imagem, silenciosa e pungente, ficou gravada para sempre na memória da filha. Era mais que luto — era a dor pela perda de uma amiga, de uma alma gêmea artística, de um espírito livre com quem partilhou sonhos e palco.

Esse elo entre as duas teve um ponto alto em uma noite mágica na Taverne Lusitana, em São Paulo. Em meio à música e à celebração dos sentidos, Luz surgiu adornada com suas tranças lendárias, entrelaçadas com pequenas jibóias, exalando magnetismo e liberdade. Pediu então que Ruth cantasse “Beijinho Doce” — e naquele gesto simples, havia um reconhecimento profundo: a consagração de uma jovem artista promissora que brilhava com luz própria. Dali nasceu uma amizade intensa, que floresceu nos bastidores e nas cenas do espetáculo “Fruto de Eva”.

O presente que Ruth recebeu de Luz — um prendedor de suas tranças — não era apenas um enfeite: era uma herança simbólica, um relicário de afeto, um fio condutor entre duas artistas que ousaram viver plenamente a arte e a liberdade. Anos depois, Maura Ferreira, que herdou da mãe a paixão pelo palco e pelas serpentes, prestaria sua própria homenagem a Luz Del Fuego, recriando sua imagem num ensaio fotográfico ao lado da jiboia Tupy durante as gravações do filme Delírios de Elvira Pagã (ainda inédito) — não como imitação, mas como reinvenção, como ato de reverência à Ilha do Sol e à memória de uma mulher que inspirou sua mãe e, por consequência, a ela mesma.

Essas histórias, vivas nas palavras de Maura e nos arquivos preciosos de Ruth, são mais que lembranças. São ecos vibrantes que atravessam gerações, tocando o presente com beleza, emoção e reverência. Revelam o quanto a arte é capaz de tecer laços eternos — entre mães e filhas, entre amigas, entre espectadores e artistas. E mostram que algumas vozes, como a de Ruth Ferreira, não se calam com o tempo: continuam a ecoar nas entrelinhas da história e nos palcos invisíveis da memória.

Ruth Ferreira foi uma mulher que transformou sua vida em poesia cênica e deixou um legado inesquecível. A vida é feita dessas pequenas grandes histórias. Ruth Ferreira é uma que merece ser lembrada — sempre.



Foto: Arquivo Nino Dourado

Nino Cesar Dourado Barros nasceu em Altos-PI, em 03 de março de 1994. É historiador, mestre pela UFPI, escritor e pesquisador. Autor do livro *Benedito Pestana: o pai do jornalismo altoense* (2017), possui diversos textos publicados em coletâneas e eventos acadêmicos. É membro de várias academias, como o Instituto Histórico e Geográfico do Piauí. Em 2025, foi premiado como o melhor escritor de 2024 em Altos-PI, pela Inovare Publicidades.

## JÁDER DE CARVALHO

Maria Vandi

Jáder de Carvalho foi um renomado jornalista, escritor, advogado, professor e poeta brasileiro, nascido em 29 de dezembro de 1901, em Quixadá, Ceará. Ele é considerado um dos precursores do modernismo cearense e deixou um legado significativo para a literatura cearense e brasileira.

Jáder de Carvalho também foi fundador de jornais, como "A Esquerda" (1928) e "Diário do Povo" (1947), foi membro da Academia Cearense de Letras, ocupando a cadeira nº 14. Ele foi perseguido político durante o governo de Getúlio Vargas e condenado a 20 anos de reclusão, por suas ideias contrárias ao regime.

Principais obras:

### POESIAS:

Terra de Ninguém (1931); Terra Braba (1932); Água da Fonte (1966), vencedor do Prêmio Olavo Bilac de Poesia.

### ROMANCES:

Classe Média (1937); Doutor Geraldo (1934); A Criança Vive (1945); Eu Quero o Sol (1946); Sua Majestade, o Juiz (1962) e A Idiota (1963).

### Quixadá

Quixadá, as tuas montanhas de pedra  
não pesam somente na terra  
pesam também na minha saudade.  
O que me dói, Quixadá;  
É o grande silêncio que nos separa;  
Não me telefonas.  
Não me escreves.  
Não me mandas nenhum recado.  
Um bilhete, ao menos.  
Mas o silêncio não mata o amor,  
não mata a saudade.  
Quixadá,  
a tua mudez grita nos meus poemas!

Jáder de Carvalho

No poema acima, o poeta fala da sua saudade, da terra querida, seu berço natal, a cidade de Quixadá. O poeta personifica a cidade quando usa a 2ª pessoa do singular dizendo do grande silêncio, que tanto o faz sofrer. No entanto a mudez da cidade, não faz matar a saudade e o amor que sente por sua terra, tão querida, a cidade dos monólitos.

Maria Vandi da Silva Teixeira (Maria Vandi) é natural de Acarape, Ceará, radicada em Fortaleza, desde a terceira infância. É graduada em letras e especialista em língua portuguesa, e suas respectivas literaturas. Publicou seu primeiro livro "No Voar do Tempo" (poesias) em 2019; e o segundo "Poetizando Esinhos e Flores" em 2025 (Poesias). Faz parte de várias coletâneas, na Argentina, Portugal e Brasil. Pertence ao Mulherio das Letras Ceará e ao Clube dos Poetas Cearenses.

## A ESPERANÇA NA SARJETA

Denis Amaral

O sol da tarde começa a se inclinar, tingindo as telhas das casas brancas com portas pintadas. De um amarelo desbotado, parece debochar daqueles que buscam de vestígios do que este lugar fora um dia. Mas os tesouros daqui se escondem em todos os cantos. Poucos conseguem apreciá-los durante quase que o ano todo – é verdade. Mas hoje é um dia de festejo.

Os barcos descansam e parecem não se importar de estarem amarrados nos dequeus cheios de musgo e madeira rançosa. Isso porque as cordas não os impedem de balançar em sincronia uns com os outros e com a brisa leve. No cais, dezenas e, por que não, centenas de carros estacionados. Hoje temos carros que se movem utilizando formas diferentes de energia criada pelo homem. Mas um dia estas ruas foram tomadas de cavalos e carroças, enquanto o curso da nossa história era mudado para sempre. Mas não nossa essência.

No século dezesseis, quando conquistadores desembarcavam em nosso país, povos indígenas já santificavam este lugar com arte, cultura e conhecimento. Buscando inspiração na natureza, onde nós autores sempre procuramos refúgio para criar, nossos ancestrais o faziam com a naturalidade de alguém que pega um livro na mão e o traz perto do nariz para sentir seu cheiro. Como muitos elementos da nossa infalível história de colonizados, o rio de peixes brancos passou a chamar a atenção por seu lugar estratégico. Um caminho sinuoso do centro do país trazia ouro extraído das riquíssimas minas que hoje sangram ao tentar contar suas histórias, e desembocava neste mesmo cais – onde crianças com um sorriso inocente no rosto agora brincam com uma bola de capotão enquanto seus pais coordenam o movimento e tentam ganhar algum para o jantar.

Entre uma conversa e outra, tentando a sorte de alguém aceitar meus textos, me sento à sarjeta de uma destas ruas de pedras que já me fizeram cair duas vezes desde que cheguei. Rabiscar este texto é uma distração para mim. Me tira um pouco a ansiedade de saber que, num país condenado pelo culto ao que lhe foi tirado e pelo desdém ao que tem de melhor, talvez eu nunca seja publicado.

O que me conforta? A vibração da festa de hoje. As pessoas só querem estar num lugar em que todos estão sentindo, e ninguém está julgando. Quem não gostaria de viver num mundo assim? Parece que o jeito das pessoas em suas roupas tão contemporaneamente desleixadas que se tornam estilosas me mostra que – pelo menos aqui – eu posso falhar.

Quando eu voltar para casa, rapidamente a metrópole vai me lembrar do preço que pagamos até hoje por termos nos vendido lá atrás. Mas essa gente não quer pensar nisso. Pelo menos não nesta semana. Nós queremos contar nossas histórias, encontrar o senso comum, nos sentirmos acolhidos pela forma mais explícita de arte.

A literatura expõe. Ela estanca. Apaga ou eterniza. A literatura é livre. Voamos com ela até o mosaico da Serra da Bocaina e voltamos mais leves. Trocamos o peso da conformidade pelo jugo da esperança.

Para quem pensa que fomos vencidos, um aviso: a coragem de quem se rebela da maneira mais nobre possível perpétua nestas pequenas casas, aglomeradas de olhares pensativos e de uma atenção que deixaria qualquer imperialista político ou oligarca da tecnologia com muita inveja. O que aprendi nas últimas quarenta e oito horas vale muito mais do que alguns minutos de fama.

Se encontrar esta carta, por favor me perdoe pela caligrafia. Meu plano era rabiscar qualquer coisa, mas acho que a alma de Millô Fernandes e a vibração de Diuner Mello não me deixariam parar no “festejo”. Depois de encerrar os trabalhos, tentando não os qualificar com relação ao seu sucesso, vou comprar uma garrafa de vinho e me embriagar com ela. E amanhã colocar nas águas da Ilha Grande esta pequena epístola de esperança. Como se eu jogasse uma moeda na grande fonte dos desejos que é o Oceano Atlântico.

Nossa história é um lembrete sussurrante de que, às vezes, o silêncio e a espera podem ser os maiores guardiões de um legado. Como uma serenata que continua tocando mesmo depois que o gramofone para. Em meio a essa sinfonia, me pergunto: que novas histórias Paraty ainda tem para me contar?



Foto: Arquivo do autor

Denis Amaral nasceu em Piracicaba e se formou em engenharia. Tem a música como fio condutor de sua vida, e a nostalgia como refúgio. Se apaixonou por literatura quando trabalhou como executivo no mercado de livros. Acaba de publicar seu romance de estreia, “Mesa para dois”.

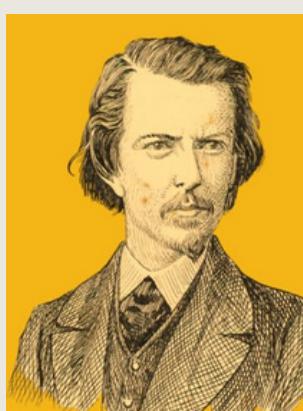
# OS ANTECESSORES E INSPIRADORES DA POESIA E DA PROSA ABOLICIONISTA

Renata Barcellos (BarcellArtes)

Um dos antecessores e inspiradores da poesia abolicionista foi Fagundes Varela. É um dos maiores expoentes da poesia brasileira da Segunda Geração do Romantismo Brasileiro. É patrono da cadeira n.º 11 da Academia Brasileira de Letras (ABL). Você se lembra de tê-lo estudado na Educação Básica? Quem é professor de literaturas, estudou-o ao longo da licenciatura?

Uma das pesquisadoras deste autor é Teresinha da Rocha Pereira (Cidade: Rio Claro – RJ): mestra em Língua Portuguesa (UERJ), especialista em Linguística Aplicada e Leitura e Produção Textual, professora de Língua Portuguesa no Colégio Estadual Fagundes Varela e na Prefeitura Municipal de Rio Claro-RJ, cidade natal do poeta Fagundes Varela, escritora, pesquisadora e produtora cultural, com foco na valorização das literaturas brasileiras, especialmente na divulgação da vida e da obra de Fagundes Varela, autora do livro *Entre o Campo e a Cidade: um Percurso pela Poesia de Fagundes Varela*, obra que investiga a dualidade entre o rural e o urbano na poesia do autor, servindo como base para ações educativas e culturais e diversas cidades. Meu trabalho une pesquisa literária, práticas pedagógicas e inovação digital, promovendo experiências multimodais com a obra de Fagundes Varela em formatos contemporâneos como posts, memes, podcasts, reels e outros gêneros textuais digitais. Com forte atuação nas escolas e nas redes sociais, busco aproximar o patrimônio imaterial de Rio Claro das novas gerações, mostrando como a poesia pode dialogar com o presente, estimular a criação autoral e fortalecer a identidade local.

## Biografia de Fagundes Varela



Fagundes Varela  
Foto: Divulgação

Luís Nicolau Fagundes Varela nasceu na cidade de São João Marcos, atual município de Rio Claro (RJ), no dia 17 de agosto de 1841, onde viveu grande parte de sua infância. Seus progenitores pertenciam às famílias fluminenses abastadas. Seu pai, Emiliano Fagundes Varela era juiz e, por isso, Fagundes residiu em vários lugares do país. Primeiro em Goiás, e depois em cidades do estado do Rio de Janeiro (Angra dos Reis e Petrópolis) onde completou seus estudos.

Em 1852, entra para o curso de Direito no Largo São Francisco, em São Paulo. Entretanto, abandona-o e dedica-se à literatura. Em 1861, publica sua primeira obra poética intitulada “Noturnas”. Casou-se duas vezes, primeiro aos vinte anos com Alice Guilhermina Luande (artista circense) com quem tem um filho que falece com apenas 3 meses. Com a morte de seu filho e mais tarde de sua esposa (1966), inicia uma fase cada vez mais boêmia e criativa, muda-se para Recife, retorna à capital paulista, e, por fim, volta a morar com o pai e casa-se novamente. Dessa vez com uma prima com quem tem duas filhas e um filho – chamado Emiliano, como o primogênito, que também morreu precocemente. O autor termina sua vida morando em casas de parentes, entre muitas bebedeiras na noite.

Apesar de sua obra ser majoritariamente marcada pelo pessimismo e pela melancolia, ele também expressou críticas sociais e denúncias contra a escravidão. Isso o tornou um nome importante na poesia social e abolicionista brasileira. Entretanto, está “apagado” nas instituições literárias e no ensino da Educação Básica à Superior. De acordo com a pesquisadora Teresinha da Rocha Pereira, “antes mesmo de Castro Alves, o poeta já abordava essa temática. No meu livro, abordo justamente esse aspecto precursor da obra de Varela. Em seu poema “Bahia”, pertencente ao livro *Cantos Meridionais*, ele se espanta com a contradição entre a beleza natural e histórica da cidade e a mancha cruel da escravidão que a corrompe. Esse choque é apresentado com força poética, revelando um olhar crítico e indignado. Para ele, não era possível louvar a Bahia sem também denunciar o sofrimento humano que ali coexistia com a paisagem deslumbrante. Além desse poema, outros textos como “O Escravo” e “Mauro, escravo” reafirmam o compromisso do poeta com a causa abolicionista, bem antes de Castro Alves consolidar essa vertente em nossa lírica social. Varela foi um dos pioneiros neste percurso poético-político, dando voz ao escravizado e denunciando o sistema escravocrata com sensibilidade e contundência. Portanto, é fundamental reconhecer seu papel como antecessor e inspirador do que viria a ser a chamada poesia abolicionista. Sua obra merece ser revisitada, relida e revalorizada à luz dessas contribuições precoces e corajosas”.

Bahia, terra das artes!

“Terra do amor e da gloria!  
Quão grandes foras na História  
Quão grande com teus brasões.

Se fronte não to luzissem  
Aos diamantes misturados  
Os prantos cristalizados  
De cativas multidões”.

Dessa forma, seus poemas abolicionistas, como "O Escravo", denunciam a violência e a crueldade da escravidão, clamando por liberdade e igualdade. O poema "Mauro, o Escravo" de Fagundes Varela foi publicado em 1864. Ele faz parte do livro "Vozes da América", presente nas "Obras completas" do autor, publicadas em 1920. A seguir um fragmento deste texto:

XXV

“E Mauro calou-se. Mais frio que a morte,  
Mais trêmulo que os juncos ao sopro do norte,  
À viva ironia Lotário abalou-se.  
— Afastem-no!... Afastem-no! ergueu-se rugindo,  
E a turba dos servos o escravo impelindo  
Em poucos instantes da sala afastou-se”.

Antes do autor, o tema da escravidão foi tratado desde o início das literaturas brasileiras. Foi recorrente na Barroco, tanto em Portugal quanto no Brasil, refletindo as tensões sociais e religiosas da época. Autores como Gregório de Matos e Padre Antônio Vieira abordaram a temática, muitas vezes, com visões críticas e contrastantes. Já, no Arcadismo, o assunto não é central como em movimentos literários posteriores, mas autores como Basílio da Gama em "O Uruguai" e Tomás Antônio Gonzaga em "Marília de Dirceu" abordam a questão de forma indireta ou em contextos específicos. "O Uruguai" critica a violência e a exploração dos povos indígenas, que podem ser relacionadas à escravidão, enquanto "Marília de Dirceu" menciona a escravidão de forma pontual, mas sem aprofundá-la. Na Primeira Fase do Romantismo, Gonçalves Dias também abordou a temática da escravidão em sua obra, especialmente no poema "A Escrava" (publicado no livro Primeiros Cantos, em 1846) e a prosa "Meditação" (publicada pela primeira vez em 1846, como parte da obra "Primeiros Cantos"). Posteriormente, um trecho foi publicado na Revista Guanabara em 1850, e o texto completo foi incluído em "Obras Póstumas" de 1869). Nesses textos, ele critica a escravidão e aponta para os males que ela causa à sociedade brasileira. Assim, demonstrando uma visão mais ampla sobre a escravidão do que a de outros românticos.

Na sequência, em 1859, Maria Firmina dos Reis publica Úrsula, primeiro romance escrito por uma mulher negra no Brasil. Neste, denuncia a escravidão. A autora se destacou por sua escrita abolicionista, que se tornou mais intensa em "A Escrava", conto publicado em 1887, na Revista Maranhense, na qual aborda a temática da escravidão no Brasil, com foco na experiência da mulher escravizada. A narrativa é contada por uma senhora branca que acompanha a fuga de Joana (uma escrava) e de seu filho Gabriel no qual expõe a crueldade do sistema escravista e a luta dos abolicionistas. Assim, Maria Firmina dos Reis expõe a crueldade da escravidão, a exploração da mulher negra e a luta pela liberdade, com foco na experiência da escrava e na coragem dos abolicionistas. A obra, publicada em um contexto de crescente movimento abolicionista, ressalta a importância da luta pela libertação dos escravizados e o sofrimento daqueles que viviam sob o jugo da escravidão. Só depois de Maria Firmina dos Reis e de Fagundes Varela, surge a obra Navio Negreiro do escritor baiano romântico Castro Alves (1847-1871), publicada em 1869, poesia abolicionista, na qual o autor aborda o tema da escravidão no Brasil. E, em 1883, o "poeta dos escravos" tem reunida (postumamente) os poemas em "Os Escravos". E ainda nesta Terceira Geração do Romantismo Luiz Gama com seus artigos e textos em jornais como o "Correio Paulistano" também foram importantes ferramentas de combate à escravidão, com publicações datando de 1867 e outros anos. Também a obra "Liberdade", publicada entre 1880 e 1882, que reuniu seus escritos abolicionistas.

Para ratificarmos como o poeta Fagundes Varela reafirmou o compromisso com a causa abolicionista, bem antes de Castro Alves consolidar essa vertente em nossa lírica social, entrevistamos a pesquisadora Teresinha da Rocha Pereira

1. O que a motivou a estudar Fagundes Varela? Teresinha da Rocha Pereira: Tenho algumas razões centrais: a importância do poeta como expressão poética de Rio Claro – RJ e meu gosto pela literatura. Desde os tempos da escola primária, eu ouvia falar do poeta. Havia a "Semana Fagundes Varela". E então havia recitais, brincadeiras, recreios longos, doces, balas, sanduíches, sucos... Fui crescendo adoçada pela poesia de Varela. Sentia-me, e ainda me sinto, orgulhosa por pertencer à cidade do poeta Fagundes Varela. O que é Rio Claro diante das outras grandes cidades? Mas a nossa Rio Claro é imensa por ter o poeta Varela como pilar. Rio Claro é a cidade da palavra. E eu, como professora, levo adiante esse legado literário, como professora e como humilde escritora. Essas são as minhas motivações.

2. Quais são os fatos desconhecidos sobre o autor? Teresinha da Rocha Pereira: Os estudiosos de Varela fizeram um levantamento exaustivo sobre a vida e a obra do poeta. Mas ainda há espaço para alguns temas que merecem estudo mais aprofundado. Cito dois exemplos. O primeiro é o fato de que a irmã de Varela também era poeta. Ela publicou o livro intitulado Cantos Religiosos, com poemas seus e do irmão. Discutir o lugar do homem e da mulher na literatura oitocentista, a partir dessa obra, pode ser bastante proveitoso para o público. Outro viés de estudo que merece análise é o lugar da cidade na poesia de Fagundes

Varela. O século XIX foi o século das cidades, e o poeta reflete sobre isso, por exemplo, no livro *Cantos Meridionais*. Além disso, poucos sabem, mas Varela foi um grande leitor de Baudelaire, poeta que refletiu sobre as cidades em seu livro *As Flores do Mal*. É provável que a influência de Baudelaire esteja presente na poesia de Varela que tem como tema a cidade.

3. Comente a assertiva: Embora seja um dos maiores expoentes da segunda geração do Romantismo, hoje, as instituições de ensino quase não o trabalham e nem são propostas questões de concurso. Teresinha da Rocha Pereira: Há muitos equívocos quanto à poesia de Fagundes Varela. Embora ele não apareça, atualmente, em alguns vestibulares e nos livros didáticos, o fato é que figura na historiografia literária brasileira como um dos grandes nomes. Mas a questão é ampla. Para falar de modo simplificado, o apagamento da poesia de Varela não é um caso isolado e está intimamente ligado a um contexto em que a literatura, a música, o teatro, a pintura, entre outras artes, vêm perdendo espaço como linguagens legítimas. Embora o discurso da BNCC acene favoravelmente à valorização das artes, a realidade é que os chamados livros didáticos não seguem, de fato, esse caminho. Como professora, percebo que a literatura brasileira, vista sob uma perspectiva clássica, canônica, perdeu força. Poetas de grande peso, como Gonçalves Dias e Castro Alves, desapareceram de vários materiais didáticos. Infelizmente, a proposta de unir o antigo e o novo no ensino da Língua Portuguesa e da Literatura perdeu-se. No entanto, como reformas educacionais acontecem de tempos em tempos no Brasil, é possível que, futuramente, esses autores hoje parcial ou totalmente esquecidos voltem a ser considerados. Esta questão já foi estudada. Existem, inclusive, teses de doutorado que abordam o tema da escravidão na literatura brasileira, por isso imaginei que não se tratasse exatamente de uma novidade.

Para finalizar, um pensamento de Teresinha da Rocha Pereira: "Sua obra merece ser revisitada, relida e revalorizada à luz dessas contribuições precoces e corajosas... Tem muita coisa desconhecida. Tem a poesia nacionalista, religiosa, a visão dele da mulher. Cada temática dessa é um estudo diferenciado. Eu fico abismada como um rapaz tão jovem conseguiu produzir em tão pouco tempo, uma obra tão ampla".

Renata da Silva de Barcellos - escritora, pesquisadora de Literaturas, Pós-Doutorado em Literatura Brasileira pela UFRJ. Publicou *Práticas Pedagógicas em Língua Portuguesa, Literaturas e Produção Textual; ebook Poesia Visual: Tchello D' Barros: olhos de lince;* Columnista do Jornal *Terra da Gente*, do site *Facetubes*, da Revista *Voo livre*, *Catarsis*, *LiterArte SP* e *Sarau*. Fundadora do BarcellArtes e Âncora do Programa *Pauta Nossa*, da Mundial News RJ.

## A Luta Diária (Minha)

Renato Bruno

A sensação de falta do que em outrora estávamos  
Acostumados amarga quase tudo, azeda, tira  
O brilho do dia, tenta apagar a beleza da Vida  
E mutila o psicológico transformando tudo em dor.  
Estado de Necessidade a ilusória esperança  
O emocional, insinua a nos pregar peça, como se diz  
por aí.  
Quando aquilo que era vivido e deixa agora de fazer  
Parte da realidade, remonta o conviver e querendo  
reviver vem  
Em cada ausência, definhando o pensamento e  
Sem mais nada a se apegar além das lembranças;  
Vai fazendo perder a esperança e com esse mesmo  
emocional  
Já excruciente, o diminuto começa a ganhar mais  
protagonismo.  
Muito embora tenhamos lapsos de boas memórias, o  
descostume  
Do vivido vai aos poucos remontando a nova  
realidade.  
Vai montando uma nova imagem mais dura, fria,  
rígida e introspectiva  
Que vai fazendo tudo perder cor, até o apagar das  
luces,  
E nos coloca à beira do precipício da depressão.  
Os atos e fatos cometidos sem a menor noção do  
resultado, faz com que  
Sejamos prisioneiros das recordações que nos traz  
na mente;  
E agarrado ao sonho de retornar, fomenta, como  
Estado de Necessidade a ilusória esperança  
De ter de volta aquilo e aquela que por tudo  
Era a maior força que se sentia quando  
Até então o Amor estava ali.  
Agora...  
Nada mais resta e no peito qualquer lembrança abre  
uma  
Fresta, e, nessa mesma exígua marca, se torna sua  
Única fonte de ainda querer acordar!



RENATO BRUNO VIEIRA BARBOSA é natural de Fortaleza - CE, nasceu em 1985; Bacharel em Direito, Gestor em Tecnologia da Informação, Professor Universitário nos cursos de Direito, Gestão em TI, Administração e Processos Gerenciais. Palestrante e Escritor com temas contemporâneos, cultivando a paixão pela poesia, música e teatro.

# A POESIA DE SOPHIA

## INTERCAMBIO

Tus ojos  
 miles de palabras no dichas  
 miles de poemas no escritos  
 miles de secretos enterrados  
 Tu mirada, el toque del fuego  
 muerte y vida  
 principio y fin  
 Tus labios  
 una fruta prohibida  
 un beso crudo  
 me arrastra al infierno por la eternidad  
 Y yo, cada día  
 me rindo a tu tentación ...

## OFRENDA

Sus ojos son un páramo húmedo  
 Un destierro eterno  
 Un destierro frío  
 Y yo soy un viajero sin retorno  
 Desligado de todo  
 Como un árbol desnudo en el viento  
 Sin raíces ... Sin refugio ...  
 Solo por ella  
 Su mirada es un fuego  
 Que hace cenizas mi alma desnuda  
 Ella no lo sabe  
 Que en secreto me muero por dentro  
 Con la esperanza de una sonrisa  
 Con la esperanza de una mirada  
 Yo  
 Soy una sombra errante  
 En callejones desconocidos  
 Solo por ella ...



Sophia Jamali Soufi. Foto: Arquivo da autora.

# ARTE VISUAL

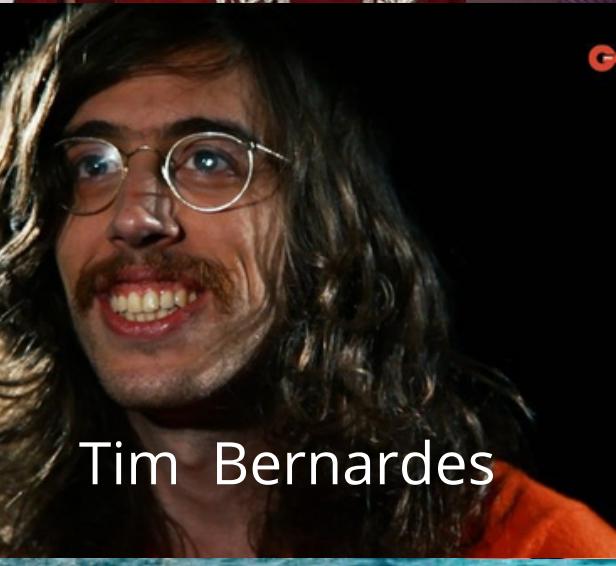
Sapato  
Acrílica sobre tela  
AMAURI FLOR



Amauri Miguel Alves Flor, artista de artes visuais, natural de Lagoa Seca PB, já realizou diversas exposições artísticas de suas obras em diferentes espaços e galerias tais como: Salão do Sesc Comércio, Museu São Francisco e Galeria da Energisa (João Pessoa), na Faculdade ASCES-UNITA e FAFICA (Caruaru PE) e em Catolé do Rocha no Centro de Cultura, no Colégio Don Vital, no IFPB e no Instituto Beradeiro.

# ESSE OCEANO DE INSPIRAÇÃO CHAMADO MÚSICA BRASILEIRA

Aluísio Cavalcante Jr.



Um dos maiores patrimônios de um país é a sua cultura, e em especial, a sua música. No Brasil, a música é uma de nossas maiores riquezas. Ela está em todos os lugares: nas festas, nas praias, no carnaval, nas micaretas, nas celebrações religiosas, nas festas populares, nos parques, nas praias, no rádio do carro, nos aparelhos celulares, nas casas e nas ruas, misturando ritmos, cores e sentimentos. É uma linguagem viva, feita de muitos sons, instrumentos, linguagens e sotaques, chegando diretamente ao coração de quem a escuta, despertando alegrias ou saudades. E mesmo depois de tantas décadas, ela continua a se reinventar, a resistir a massificação, a imposição de outras culturas alheias a nossa realidade, sem perder a sua verdadeira essência, mantendo-se viva, dialogando com diferentes gerações, expandindo seus limites para o mundo, levando com ela nossa poesia, nossa linguagem, nossa sonoridade e nossos artistas.

No atual momento brasileiro, com o olhar voltado para o que chamamos de MPB, percebemos uma nova geração de intérpretes, músicos e compositores, que pouco a pouco começam a se destacar no cenário musical, com canções que nascem inspiradas por nossa gente, nossa linguagem, nossa sonoridade e poesia, que bebem das águas presentes no mesmo oceano em que beberam gigantes da nossa música. Essa nova geração de cantores e cantoras, compositores e compositoras, músicos e instrumentistas sabe disso. Eles e elas não ignoram o passado — pelo contrário: se inspiram nele para criar uma música que é, ao mesmo tempo, ancestral e moderna, íntima e coletiva. É nesse cenário de renovação que surgem vozes que emocionam, provocam e encantam. Citaremos algumas a seguir:

Marina Sena é mineira. Intérprete, compositora e multi-instrumentista, faz uma mistura de elementos da MPB, do pop e de ritmos regionais brasileiros. Seu timbre vocal peculiar, interpretações intensas e estilo visual provocador são características marcantes de sua identidade artística. Participou de grandes festivais realizados pelo Brasil, tais como o Rock in Rio, Lollapalooza e The Town. Segundo ela mesma, sua formação artística foi bastante influenciada por artistas como Gal Costa, Clara Nunes.

Linikercomeçou a se destacar nacionalmente em 2015, ao lançar com sua banda o vídeo da música Zero, que viralizou rapidamente. Naquele momento, ela e a banda Liniker e os Caramelows apresentavam ao Brasil uma sonoridade que misturava soul, MPB, funk, samba-rock e muita emoção. Sua voz rouca, cheia de alma, suas letras poéticas e a sua presença de palco marcante logo conquistaram o público e a crítica. Ela é uma das primeiras mulheres trans a alcançar grande projeção na música popular brasileira e sua arte sempre vem carregada de afetividade, enfrentamento e orgulho de suas raízes.

Tim Bernardes é compositor, cantor, multi-instrumentista e produtor. Seu trabalho é marcado por profundidade lírica, arranjos sutis e uma emoção contida que toca o nosso coração com a sua poesia e ternura. Ele representa uma nova geração de artistas que dialogam diretamente com os mestres da música brasileira — como Caetano Veloso, Milton Nascimento e Chico Buarque — sem repetir fórmulas já conhecidas. Ele é conhecido por traduzir nossas dores e dúvidas em música, com uma poesia simples e, ao mesmo tempo, intensa. Sua voz suave e sua entrega introspectiva a cada interpretação criam um universo próprio, onde a sensibilidade é a característica mais marcante.

Anavitória surgiu como um sopro de ar fresco no nosso universo musical. Com vozes delicadas, arranjos simples e letras que falam do amor em suas muitas formas, a dupla rapidamente se tornou referência de uma nova geração de MPB-pop, com identidade própria, público jovem e uma estética leve, quase cinematográfica. O álbum de estreia, Anavitória(2016), trouxe hits como "Fica", "Trevo (Tu)"(parceria com Tiago Iorc, que venceu o Grammy Latino de Melhor Canção em Língua Portuguesa) e "Agora Eu Quero Ir" — e firmou o lugar das duas, como vozes de uma juventude sensível e romântica.

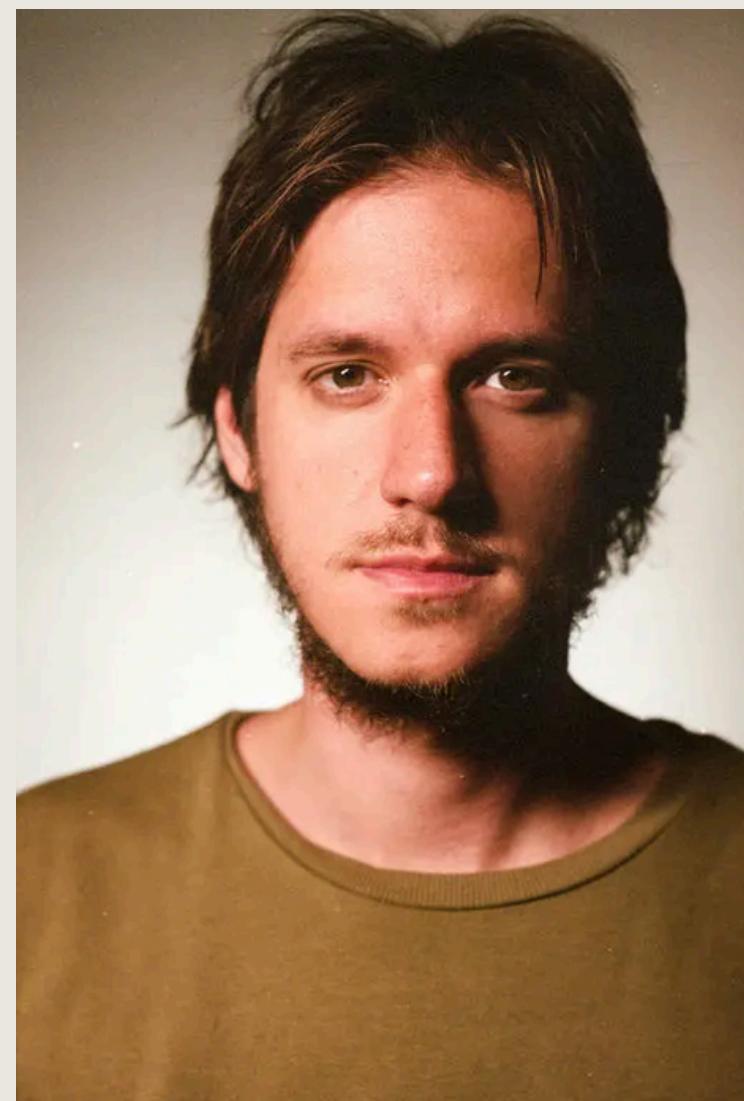
Rubel fala de amor, mas também de cidade, memória, encontros e política.

Sua música muitas vezes soa como uma conversa sincera, com o tempo desacelerado, onde a palavra tem peso e leveza ao mesmo tempo. Ele sabe transformar uma mensagem simples em algo universal, como na canção "Partilhar", que virou trilha sonora de casais apaixonados em todo o país. Rubel representa a união entre o indie e a MPB, entre o alternativo e o popular. É um artista autoral, sensível e moderno, que se comunica com diversas gerações. Sua música é atemporal: soa atual, mas com raízes no melhor da canção brasileira.

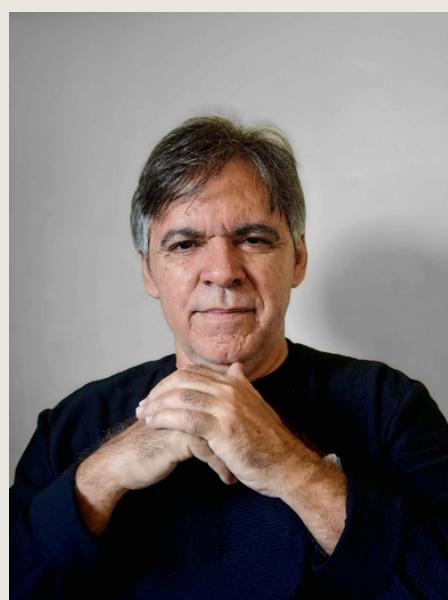
Tiago Iorc começou sua carreira em meados dos anos 2000, inicialmente compondo e cantando em inglês. Com o passar do tempo, consolidou-se como um dos principais nomes da música popular brasileira, especialmente após lançar álbuns em português que conquistaram público e crítica. Seu estilo musical é marcado por uma mistura elegante de MPB, folk, pop e indie, com arranjos delicados, voz suave e letras que exploram sentimentos, relações humanas e introspecção. Tiago é um exemplo de como a música brasileira pode ser contemporânea e ainda assim profundamente conectada com as emoções universais. Sua voz calma e suas composições delicadas oferecem um refúgio e uma reflexão em meio à agitação do mundo moderno.

Esses são alguns exemplos da inspiradora renovação da música brasileira, por uma nova geração, que embora muitas vezes esteja ausente da grande mídia, tem uma legião de seguidores e seguidoras, de várias faixas etárias, e que dialoga muito bem com as gerações que a antecede, o que facilmente se comprova pela participação seja em shows, duetos nos palcos ou parcerias musicais, entre eles e ícones consagrados da nossa música.

A música brasileira é um presente único e especial que a vida nos dá. Sua poesia e sonoridade inspiram pessoas por todo mundo. E aonde ela chegar, chegará também a certeza de que o nosso país é infinitamente belo, maravilhosamente intenso e intensamente humano.



Rubel





RUBEL CASAS

“

**É você que tem  
Os olhos tão gigantes  
E a boca tão gostosa  
Eu não vou aguentar**

Rubel

“

ALUÍSIO CAVALCANTE JR. – É graduado em Química, escritor e professor em Fortaleza, Ceará. Integra diversas coletâneas e publicou Coração de Professor é espaço de amizade, Sem você eu não seria, O Menino que colecionava estrelas e A menina que transformava palavras. Atua nas páginas [@coracaodeprofessor](https://www.instagram.com/coracaodeprofessor) e [@aluisiocavalcantejr.](https://www.instagram.com/aluisiocavalcantejr)



**CLICOS DO SERTAO**

## FERREIRA GULLAR: SINGULAR VANGUARDISTA

José Roberto Morais

José Ribamar Ferreira  
Foi poeta e ensaísta  
Na literária carreira  
Um singular vanguardista.  
São Luís, onde nasceu  
Numa quitanda cresceu  
Seus estudos começou;  
Aprendeu cada lição  
Quis seguir a profissão  
Na Escola que ingressou.

Aos treze anos de idade  
Passou a se dedicar  
A busca da liberdade  
Poesia publicar.



Ferreira Gullar  
Foto: Divulgação

Seu livro de poesias  
Foi chegando às livrarias  
"Um pouco acima do chão";  
Foi pro Rio de Janeiro  
Na Revista "O Cruzeiro"  
Revisou a produção.

Entre outros vanguardistas  
Destaque nacional  
Mais próximo dos concretistas



José Roberto Morais - Professor, poeta, cordelista e escritor arariense. Colunista da Revista Sarau e Membro Fundador da Academia Cearense de Literatura de Cordel (ACLC). Autor dos livros: "50 Sonetos", "Reforma Agrária e o Boi Zebu e as Formigas: uma análise sociológica", "Fantástico Mundo da Leitura" e "Veredas do Cordel"; e coautor em algumas antologias. Em projetos de leitura e escrita, publicou com seus discentes as obras "Somos Escritores: jovens que escrevem" (2019) e "Trilhas da Leitura" (2023).

Com "a luta corporal".  
Na poesia concreta  
Envolveu-se o poeta  
Em primeira exposição;  
Esse grupo organizou  
Com artistas liderou  
Em São Paulo cada ação.

Depois houve a dissidência  
De Gullar com os paulistas  
Na política a influência  
Do partido comunista.  
Convertido ao marxismo  
Demonstrou seu ativismo  
Com os temas sociais;  
No Teatro Opinião  
Expandiu sua expressão  
Entre os intelectuais.

Após ter sido detido  
No Chile foi exilado  
Duramente perseguido  
Depois foi desalojado.  
E seguiu para Argentina  
Cumprindo assim sua sina  
Temeu ser assassinado;  
Por forças da repressão  
Referência no "leilão"  
Um poema ressaltado.

Quando Gullar retornou  
Estava desiludido  
Muitos prêmios conquistou  
Escritor reconhecido.  
Prêmio Jabuti Ficção  
Outra grande distinção  
Recebeu Prêmio Camões;  
Honoris Causa, Doutor  
O título ao escritor  
Pelas suas produções.

## A MALA DA VIDA

Jasmine Gonçalves

Uma mala nem sempre leva em seu conteúdo apenas roupas e alguns pertences que nos parece ter alguma relevância ou valor sentimental. Na maioria dos casos e em quase todos, ao tirar a poeira da mala e começar a organizar o que levaremos ali, acabamos por adicionar em um espaço tão pequeno as memórias afetivas de tudo que vivenciamos e será deixado pra trás. Afinal, antes mesmo de decidirmos preparar a bagagem, refletimos a longo prazo se realmente podemos com o peso da mala que realmente importa.

Um zíper é algo tão simples de ser fechado se comparado com a dificuldade de fechar uma vida de sentimentos. O simples ato de remover a poeira do objeto, já carrega consigo um peso metafórico relevante o suficiente para molhar o conteúdo que irá preencher o espaço ainda vazio da mala. E em cada camada fina de pertences, o intervalo é preenchido por algo tão denso que seria capaz de por si só ocupar todo o espaço da bagagem.

Quando já ocupada por tudo que achamos necessário, fechar torna-se ainda mais difícil, pois comprimir todo o volume no pequeno espaço vem acompanhado da pressão de silenciar o que levamos conosco na bagagem da alma. Nossas frustrações, nossos silêncios estridentes, nossos medos e acima de tudo, nossos próprios sentimentos. Fechar uma mala, seria uma atitude totalmente banal e simples, se com o puxar de um zíper uma história não se fechasse junto. A verdade é que nós aceitamos de bom grado que objetos são descartáveis, mas sentimentos não são, e infelizmente, nem tudo que prezamos carregamos na mala da vida.

Jasmine Gonçalves – Cronista iniciante e poeta campossalense. Estudante de Ciências Contábeis na Instituição Anhanguera. Coautora em “Vestígios de Amor” (poemas, 2021) e “Sempre choro de saudade na noite de São João” (literatura de cordel, 2020).



## VERVE INQUIETA

Jorge Furtado

Cada poema

É um teorema de vida

Uma carta de alforria para nossa alma

Acorrentada nos porões sombrios dos nossos dilemas.

Cada poema é uma centelha de esperança a aquecer o nosso âmago.

Um favo de mel a adoçar o amargo

Que mina o nosso paladar.

Cada poema

É um desabafo

Um grito de alívio

Um tiro certeiro na face

Da opressão.

Por isso

Dedico-me a compor poemas

Com ousadia

Sem temer as porfias.

Cada poema

É um novo eu que nasce

Para brilhar

E dissipar as trevas!

Jorge Furtado, nasceu em Fortaleza em 1971. É poeta, cordelista, compositor. Participou de algumas antologias, tem alguns cordéis publicados. Recentemente está divulgando nas faculdades e escolas, a adaptação em cordel da fábula do pote rachado, em português e esperanto.

## INSPIRAÇÃO

Mariv Dorta

Hoje estou à flor da pele!  
 A poesia verde dos meus poros,  
 Como a água nas lagoas doces.  
 Para mim não é desafio,  
 É abundante feito água num rio.  
 Se não escrevo, é uma agonia,  
 Parece, se não for agora,  
 Mais nunca será...  
 Mas quando escrevo é um alívio,  
 Reina paz e harmonia!  
 Inspiram-me todo o universo de informações...  
 Como os rios que alimentam o mar.  
 Tudo em mim é fantasia,  
 Que se transforma em versos da próxima poesia.

## A VIDA PODE SER BOA

Mariv Dorta

No início era verão  
 Tudo lindo, Claro,  
 ao alcance da mão.

Aí veio a primavera,  
 Cheia de sentimentos,  
 Um mundo à sua espera.

Morreram as flores.  
 Era tempo de outono,  
 Sem folhas, sem amores...

É chegado o inverno,  
 Molhado, pesado, frio.  
 Sua vida virou inferno.

Não precisa ser assim,  
 Não se torne o mal que viveu,  
 Vai ver que não é tão ruim.

Volte à sua essência,  
 Seja quem foi  
 Na infância e adolescência.

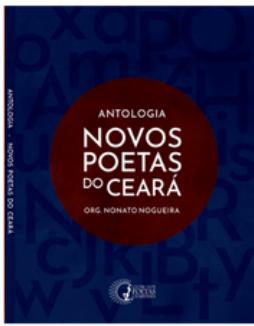
## TEMPO

Janaina Menezes

O tempo.  
 O tempo e o momento.  
 O tempo, o momento, o relógio.  
 O tempo no momento.  
 O momento no relógio.  
 O relógio batendo no vasto tempo.  
 O tempo passando, o momento minguando, o  
 relógio parando.  
 E o tempo é o tempo...

**Janaina Menezes** – graduada em Letras pela  
 UFC (Universidade Federal do Ceará), poetisa,  
 pesquisadora, articulista da Revista Sarau.

**Sábado**  
**Dia 11 de outubro**  
**de 2025, às 9h**



**Lançamento**  
**na ADUFC**

**ORGANIZAÇÃO:**  
 Nonato Nogueira

**Apoio:**




**Realização:**



Av. da Universidade, 2346- Benfica - Fortaleza



**Mariv Dorta** - Jaboatão dos Guararapes-PE – membro do Projeto Artes e Serenata de Olinda, poeta, pintora, baterista, fotografa, circula o Brasil com o esposo, em um trailer “Pé de Mundo”, nome também de seu canal no YouTube.

## SÓ QUEM É DE LÁ, SABE!

Ruth Ibiapino

Só quem vive no sertão  
Sabe os fatos que vou contar  
Um riacho com enchente  
Um sapo na cheia cantar  
Teteu na beira d'água  
Com um bicho a se aproximar

Uma cobra verde de cipó  
Toda bem disfarçada  
Uma cascavel gigante  
Na travessia da estrada  
Longe no pé da serra  
Uma cachorra acuada

Um teiú comer jararaca  
Cabeça de vaca na porteira  
Assobiar pedindo chuva  
Pegar água da goteira  
Bater na urtiga e favela  
E se acabar com a coceira

Cachorro fugir da ticaca  
A mãe da lua cantando  
As raposas doidas correndo  
Do Juazeiro se alimentando  
Dois carneiro no chiqueiro  
De cabeçadas brigando

Uma vaca morrer de sede  
Presa em um atoleiro  
Urubus arrodeando  
Atrás do carniceiro  
Gente comer umbu com sal  
Debaixo do Umbuzeiro

Milho, pamonha e canjica  
Quadrilhas de São João  
Fogueira no terreiro  
Ver a lua na escuridão  
Matar rema dos sapinhos  
Com o leite do peão

As fazendas antigas  
Com currais e casarão  
As botijas escondidas  
Casos de superstição  
Casas feitas de tapera  
Fantasma e assombração.

Ninguém quer, mas todo mundo vai

Sem ter nenhum luxo não é casaréu  
A roupa é feita só de madeira  
A flor já murcha, no corpo cheira  
Sem vidro no teto pra ver o céu  
O lençol, é apenas um fino véu  
Já que o corpo não sente esfriar  
Os pés, sem nada para se calçar  
Sem hora o relógio nunca atrasa  
O cemitério é a única casa  
Que ninguém quer ir nela morar

A cama não é box e nem macia  
Sem suíte e vaga na garagem  
Para lá ninguém leva bagagem  
Não tem banheiro, chuveiro e pia  
Lá não divide noite de dia  
Passaporte não precisa tirar  
A passagem não precisa comprar  
Não se vai de carro ou pela NASA  
O cemitério é a única casa  
Que ninguém quer ir nela morar.

**Ruth Ibiapino**, poetisa, da cidade de São Sebastião do Umbuzeiro - PB, é fruto de uma escola do campo, nasci na poesia nos meios da educação. Atualmente mora em Campina Grande- PB, curso Química Industrial pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Tem participação em uma coletânea entre Brasil e Portugal, tem 18 cordéis autorais publicados. Encontra inspiração na natureza, nas grandezas de Deus e admiradora de toda expressão artística. A arte salva vidas!

### Nordestinados a Ler

#### NORDESTINADOS A LER:

BLOG LITERÁRIO, ([nordestinadosaler.com.br](http://nordestinadosaler.com.br)), é um projeto interdisciplinar, dialógico e interativo com vistas na produção, no incentivo e no compartilhamento informações sobre a Literatura produzida na região Nordeste com ênfase na autoria feminina, já que ao longo da História, a mulher foi silenciada e invisibilizada, e o cânone literário foi construído por homens brancos, heterossexuais do eixo Sul-Sudeste e de famílias abastadas. Para tanto, nossa atuação ocorre em cinco frentes: Blog, [Instagram](#), [Web Rádio](#), [Spotify](#) e nas escolas públicas da região Crajubar – Crato- Juazeiro do Norte e Barbalha.

## O NAUFRÁGIO DO BRIGUE “KASTIÇA A”

Vinícius Silvério Barreto de Souza

Em 1866, durante o Brasil Império, alguns jornais da imprensa cearense divulgaram a notícia de que um brigue austríaco, identificado como “Kastiça A”, naufragou em uma praia de Aracati, no Ceará. Tratava-se da Praia de Mutamba, que atualmente corresponde à comunidade de Barrinha (e adjacências), no município de Icapuí (CE) – ex-distrito de Aracati. Os periódicos em questão foram *O Cearense* (1846-1891) e *A Constituição* (1863-1889), os quais publicavam, regularmente, textos políticos, anúncios e ocorrências importantes da Província do Ceará.

As informações sobre o acidente marítimo estão contidas, em sua maioria, no primeiro jornal mencionado. Esses dados estão disponíveis no portal de periódicos nacionais da Hemeroteca Digital Brasileira, que pode ser acessado no site [bndigital.bn.gov.br](http://bndigital.bn.gov.br). O objetivo deste texto é trazer à tona esse fato curioso e, em grande medida, desconhecido; ou seja, rememorá-lo em face dos escassos registros nos quais ele chegou ao conhecimento da época atual. Nesse sentido, a história do naufrágio será contada em ordem cronológica a partir dos principais detalhes fornecidos pelas coberturas jornalísticas citadas.

A edição 2051 do jornal *O Cearense*, de 29 de março de 1866, destaca a ocorrência do naufrágio e informa alguns pormenores da viagem percorrida pelo veleiro austríaco. Segundo o periódico, o evento aconteceu no dia 20 de Março do ano corrente, na Praia de Mutamba, conhecida na época como um distrito de Aracati. O navio seguia uma rota “de Montevideo para Liverpool, com um carregamento de graxa e ossos de animais” (1866, p.1). A alfândega do Ceará designou Joaquim de Oliveira Catunda, escriturário da referida repartição, para apurar os objetos salvados da embarcação, juntamente com um guarda. Os dois partiram para o Aracati no dia 28 de Março. Além deles, José Paulino Hoonholtz, representante do consulado austríaco, também viajou para o litoral aracatiense.

A edição 2061, de 13 de abril de 1866, informa a chegada da barcaça “Flor do Aracat” no porto de Fortaleza, trazendo consigo a tripulação, o capitão e alguns pertences do brigue. A lista dos objetos salvados, segundo o jornal, incluiu itens como escadas, barris e pontas de bois. Tempos depois, na edição 2087, de 16 de maio do mesmo ano, o periódico em questão volta a tratar do naufrágio, desta vez, noticiando o retorno à Fortaleza, no dia anterior, de Joaquim de Oliveira Catunda. A matéria informa ainda que a embarcação que o trouxe foi o cutter “Tubarão”.

Na edição 2115, de 20 de junho, lê-se uma nova lista de itens salvados, que também foram transportados pelo navio “Flor do Aracat” para Fortaleza. O número de objetos carregados nesta ocasião é superior à quantidade de itens transportados no início de Abril. Em sua relação estão presentes barômetros, bússolas, bandeiras, correntes de ferro e outros objetos típicos de embarcações veleiras. O porto de Fortaleza recebeu os materiais no dia 17 de Junho.

Na edição seguinte (2116), de 21 de junho, o jornal reproduz um texto do 4º escriturário da Alfândega, Francisco Serafim de Miranda e Moura, em que se anuncia a data e o horário do arremate dos salvados do navio austríaco. Tratava-se de um leilão ordenado pelo inspetor da alfândega. A lista dos objetos a serem leiloados incluía o casco do navio, que ainda se encontrava na barra da Mutamba. Na seção de anúncios, o periódico expõe mais detalhes do leilão. Nela está escrito que o evento ocorrerá na porta da alfândega, no dia 25 de junho, “às 11 horas da manhã, na presença do inspetor [da alfândega], do vice-cônsul da Áustria e dos salvados do brigue austríaco” (1866, p. 3). Um segundo leilão, marcado para o dia 28, no mesmo local, foi anunciado no jornal *A Constituição* – edição 122.

O naufrágio do brigue “Kastiça A” é um episódio pouco lembrado da história marítima do Ceará, que revela aspectos relevantes da dinâmica portuária, diplomática e jornalística do Brasil Império. Este resgate documental contribui não apenas para a preservação da memória histórica de Icapuí e da costa cearense, como também oferece uma abertura para o entendimento das práticas burocráticas e comerciais do século XIX. Evidenciar este fato quase esquecido, ocorrido há 159 anos, reforça a importância da imprensa e da Hemeroteca Digital como ferramentas essenciais para a pesquisa e a divulgação do passado.

**Referências**

NAUFRÁGIO. *O Cearense*. Fortaleza, n. 2051, 29 mar. 1866, p. 1. Disponível em: [https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/709506/per709506\\_1866\\_02051.pdf](https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/709506/per709506_1866_02051.pdf). Acesso em: 16 jul. 2025.

ANUNCIOS. *—*. Fortaleza, n. 2116, 21 jun. 1866, p.3. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709506&pesq=praia%20da%20mutamba&ht=memoria.bn.gov.br&pagsis=7443>. Acesso em: 16 jul. 2025.

**Vinícius Silvério Barreto de Souza** é um pesquisador nascido em Icapuí (CE). É graduado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

E-mail: [filosofiasbs18@gmail.com](mailto:filosofiasbs18@gmail.com).

# AMOR NÔMADE

Gustavo Augusto da Silva Cruz

Entre becos e vielas  
o amor faz sua jornada:  
à procura de almas cansadas  
altissonante clama por morada.  
Devo acreditar que ele quer morar em  
mim?

Como areia da praia que o vento espraia  
o amor não se contenta com apenas  
uma casa:  
está acolá! Está aqui! Vejam: mudou  
novamente de endereço.  
Devo acreditar que sou amado?

Primavera, verão, inverno e outono:  
estações do ano.  
Mas e o amor? É sempre o mesmo?  
Está sempre no mesmo lugar? Não disse  
o filósofo que tudo muda?  
Devo eu acreditar que o amor não muda  
de lugar?

Corações são como estradas: marcadas,  
sinalizadas, feridas.  
E o amor passeia em suas entrelinhas.  
Devo eu acreditar que o amor é sólido  
como a rocha? Ou o amor se  
desmancha no ar?  
Talvez ele seja apenas nômade.

Gustavo Augusto da Silva Cruz reside em Redonda, Icapuí-CE. É formado em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mestre em Ensino de História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PROFHISTÓRIA-UERN).

# HERESIA

Luan Luna

De uma vez ou de outra  
cometo tímido a heresia,  
com medo de ser ouvido pelos inquisidores da  
fé  
- Deus não existe!  
Esfrego as mãos uma na outra,  
esperando dar um susto no frio que as arrepiou,  
tamanha foi a revolta.  
Me arrependo dessa pressa,  
pois tudo que faço e sei  
só é consumado à flor do algodão.  
Mas que direito não me dá Ele, meu Deus?  
Devagarinho, a coisa vai mudando,  
justifico que minha relação é direta e sem  
rodeios,  
o que permite duvidar,  
chorar desesperado à Sua procura  
e proclamar, sem dúvida, Sua total inércia,  
pois é assim que Ele me deixa recolhido no seu  
íntimo,  
sendo tão eu quanto posso,  
ranzinza, encriquilhado,  
agradecendo a mãe que me deu  
e suspirando os prazeres da carne.  
Tão logo posso, em meio à heresia, mudar o  
rumo,  
digo aí que Seu amor é nobilíssimo,  
que em silêncio Lhe descubro  
e que nossa parceria não tem ressalvas.  
Hoje posso reclamar-Lhe um abraço,  
amanhã, nem crê-Lo quero,  
tanto faz quem me ensina, me forma,  
Adélia, Gilberto, é tudo verdade.  
Consta, pois, que Ele é amor purinho,  
e a mim, ser como posso,  
inegavelmente humano.

Luan Luna, cearense, aprendiz e inegavelmente humano.

## ESPERANÇA

Gerson Augusto Jr

Não concebo o mundo  
sem poetas  
vida sem poesia  
dias sem versos  
Tenho o riso como amuleto  
para exorcizar a tristeza  
E fazer aliança com a alegria

Recuso existência árida  
Fontes desencantadas  
Verão sem andorinhas

Para manter a sanidade  
entrego pedidos à estrela cadente  
Faço festa na lua nova,  
adormeço no quarto crescente...

Na infância voei para conhecer a Via Láctea  
E escutar o eco da voz humana  
anunciando que a terra é azul....

Queria mesmo era uma Terra Sem Males....  
Fui o herói das minhas aventuras  
Andei na companhia de  
seres imaginários  
Duelei com meus  
próprios medos  
Engoli o choro, enfrentei feras,  
construí castelos  
E fundei reinos  
sem nenhum súdito

Ainda guardo meus tesouros  
E carrego o hábito de transformar miçanga  
em ouro

Acolho sonhos que transbordam  
nas enchentes das madrugadas  
E deságum nas manhãs...

Vi a lagarta de fogo incendiando  
o verde das folhas  
Olhei para as flores do cajueiro  
E contemplei promessas de cajuína....

Nem só de prosa vive o homem  
Nas veredas da vida a coragem pode ser  
grande  
A esperança deve ser infinita....

GERSON AUGUSTO JR. nasceu em Fortaleza em 1966. É antropólogo e professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Participou de coletâneas literárias e concursos de poesia. Teve seus poemas selecionados pelo concurso literário do Ideal Clube nos anos de 1998 e 2001.

## O ENCONTRO NO CUME DA MONTANHA

Francisco Mesquita

Em um lugar onde o tempo não existia e as estrelas brilhavam sem pressa, havia uma montanha sagrada. Diziam que aquele que alcançasse o cume encontraria a resposta para todas as perguntas.

Muitos subiram, poucos chegaram. Mas, certo dia, quatro viajantes se encontraram no topo, cada um vindo de um caminho diferente. O primeiro vestia um manto simples e tinha olhos cheios de compaixão. Jesus carregava consigo palavras de amor e um coração aberto a todos.

O segundo tinha um semblante sereno, um sorriso sutil e um silêncio que dizia mais que mil palavras. Buda observava o momento como se já o conhecesse há muitas vidas.

O terceiro chegou acompanhado do vento e dos trovões, dos rios e das folhas dançantes. Os Orixás estavam ali, em suas múltiplas formas — Xangô com sua justiça, Oxum com sua doçura, Iemanjá com seu abraço infinito.

O quarto trazia flores, um tilak na testa e o nome de Krishna nos lábios. Ele dançava ao som de um mantra que ecoava pela eternidade. Hare Krishna havia encontrado o cume, mas parecia já tê-lo conhecido desde sempre.

Nenhum deles se surpreendeu ao ver os outros. Apenas sorriam, pois sabiam que o destino os levaria ali.

— "Eu ensinei que o caminho é o amor" — disse Jesus.

— "Eu ensinei que o caminho é o desapego" — disse Buda.

— "Nós ensinamos que o caminho é a força da natureza, o equilíbrio entre todas as coisas" — disseram os Orixás.

— "E nós dançamos porque o caminho é a devoção e a alegria" — disse o devoto de Krishna.

Então, o vento soprou, e o silêncio tomou conta. Porque ali, naquele momento, não havia mais caminho, nem chegada, nem partida.

Eles compreenderam que estavam dizendo a mesma coisa, cada um com uma música diferente.

E a montanha, que sempre ouvira tantas preces, apenas sorriu.

FRANCISCO MESQUITA. Cientista social, Assistente social, Psicanalista e graduando em Psicologia

## TEREZA CRISTINA

Napoleão Feitosa / Genaro Moreno

Tal qual uma história de novela  
Nasceu o meu amor por elas

Agora vejam só a minha sina:  
Amar Tereza querer Cristina  
Somente porque uma era bela  
Mas a outra era linda (mas vejam bem que...)

Perder Tereza, Perder Cristina  
Porque eram univitelinas, gêmeas  
Eram univitelinas  
Olhar Tereza, olhar Cristina

E toda vez que ouço àquela canção de amor  
Não esqueço o que passou...  
Relembro com saudades das meninas:  
Tereza, Cristina.

## TÃO

Napoleão Feitosa / Epitácio Junio

Vejo você como as nuvens lá do céu  
No céu da minha boca  
Tão bonita como a luz do alvorecer  
Tão perto, mas tão longe  
Tão longe do meu ser

Vejo em você o brilho do arco-íris  
Tão feliz como a luz no entardecer  
Sinto você dentro do meu coração  
Quero ser teu homem  
Quero ser teu amante/amigo!

Vejo você dentro do meu coração  
No brilho dos teus olhos e também nessa canção  
Fico feliz quando chega o anoitecer  
Vou dormir mais cedo pra sonhar com você!

Sinto você dentro do meu coração  
Quero ser teu homem  
Quero ser teu amante  
Quero ser teu amigo  
Tão bonita como a luz do alvorecer  
Tão perto de mim, mas ao mesmo tempo  
Tão longe do meu ser  
Tão longe do meu ser

Luís Napoleão Feitosa, nascido em Jaguaribe-CE.  
É escritor, compositor, cordelista aprendiz e  
pesquisador.



## EM UM BODEJO AZUL!

C. Vagner Lucena

um dia eu estava na praia  
e ela se abaixou e o traje tirou  
e ela olhando em volta me viu  
ela parecia ter ficado bem brava  
mas depois me ignorou  
tive de aproximar e ela parecia brava, mas depois sorriu  
Num bodejo azul quero seu sabor seu beijo e água de coco  
Num bodejo azul quero seu sabor seu beijo e água de coco  
depois do primeiro beijo  
molhado e gelado  
Guadalupe não se vá  
eu a tirei para dança nas areias da praia  
Num bodejo azul quero seu sabor seu beijo e água de coco  
Num bodejo azul quero seu sabor seu beijo e água de coco  
Ela tinha nome de santa e eu jamais vou esquecer me fez  
perder a cabeça e nunca mais voltei a ver  
Num bodejo azul quero seu sabor seu beijo e água de coco  
Num bodejo azul quero seu sabor seu beijo e água de coco  
Esse texto é baseado na obra de Ferreira Gullar, poeta, dramaturgo e ensaísta brasileiro conhecido por sua obra diversificada e influente. O azul pode ser encontrado em algumas de suas descrições poéticas ou reflexões sobre a natureza e o cotidiano.

C. Vagner Lucena – Estudante de Filosofia na Universidade Estadual do Ceará (UECE).

## SEM A E SEM E - RUMOR DO POVO

Jonas Serafim

O bloco composto no birô,  
num colóquio histórico, informo, indico.  
Como motor vivo, uso um sonho,  
um suspiro novo, um bom futuro.

Publico um rico opúsculo,  
lógico, límpido, lícito,  
com título sólido, sofrido,  
no rumo do rumor do povo inculto.

Como ponto cingido no risco dum símbolo,  
surgindo como sol solícito,  
divulgo um pingo num rito rústico;  
pulo do púlpito, conduzo, conspiro.

Convoco filósofos, biólogos, ontólogos, holísticos,  
místicos dos Quilombos...  
Juntos, cônscios, o coro crítico,  
no cultivo do grupo implícito,  
no incômodo modo do óbvio ofício.

Invoco no dito inscrito.  
Insulto inquirir o injusto cínico, o jugo!  
O bicho bruto, corrupto, fútil, inútil.  
Grito no grifo profundo do Cristo.

Construo um corpo digno.  
Físico, luminoso do fogo.  
Óvulo do pó. Pronto! Útil! Vivo!  
Húmus composto do cosmo primitivo.

Constituo um princípio próprio.  
Rígido, rigoroso, vigoroso, crônico.  
Incluo os loucos, os lúdicos do mundo.  
Luto com louvor bíblico. Convivo!

Conquisto frutos ocultos dos indivíduos.  
Ouço os outros ouvindo tudo:  
o pior, o ruim, o riso, o proibido, o sigilo, o rio, o  
ruído...  
Consolo no conforto do porvir.

Pronuncio o ciclo chuvoso dos confins,  
o cio do dilúvio do início,  
do justo socorro dos choros,  
do divisor lúcido construtor.

Sigo conscrito no conjunto convosco,  
curioso dos custos, dos dízimos fictícios,  
do luxo, do lucro, do juro, do lixo, do furto imposto.  
Confio no motivo do dom divino.

Dói o insulto dos ídolos ilícitos,  
implodindo no ruir dos sócios  
com signos ou rótulos por si só,  
como robô do suicídio suplício.

Um motim confuso ou tumulto,  
no mundo mudo ou moco, obscuro,  
com óbitos ou niilismo do ópio,  
no ócio oco dos olhos omissos.

Imprimo no lombo do fóssil ou do fungo,  
no duro frio cíclico, fixo, forçoso,  
induzindo diluir um licor, um fluxo,  
um frio condutor do próprio consumo.

Comigo miro o poço úmido,  
único usufruto, líquido do uso.  
Ligo unindo, ungindo, contrito...  
Sinto nutrir no produto puro.

Do primórdio som infinito do último ritmo,  
solto um grito, um grosso suor imunológico - contínuo  
libido.

Jogo jocoso do pudor inibido,  
giro moroso, utópico do ninho vívido.

Pulo do mundo do júri ortodoxo,  
sumindo do sufoco sujo dos birôs-túmulos,  
indo miúdo opondo os monstros,  
supondo punir o peso do jugo nos ombros.

Concluo, por fim, o oculto motriz,  
sutil, mítico, místico, vulgo do lírio.  
Subo como vulto num odor do indulto,  
por influir por mim como simplório micrório.



## ESCREVO RETICÊNCIAS

Maria Gerlane Cavalcante

Recentemente me dei conta, eu escrevo com muitas reticências. E não é novidade para mim que, pelo pouco que escrevo, eu escrevo mais do que falo, e ainda não escrevo tudo. Sempre fico com algo por dizer, por escrever. Escrevo como quem ainda formula, elabora e reflete, escreve, depois reformula e reescreve. Nunca está acabado, pronto. Sempre tenho o que escrever, ainda que não saia como o esperado. Uma faísca, um caco, um indício, algum sentimento sem nome e endereço, algo para depois, em processo...

Escrevo com muitas reticências. Escrevo reticências. Porque talvez eu ainda não saiba o que dizer, como dizer, até quanto dizer, porque talvez eu ainda não saiba o que é. Porque talvez eu saiba que, no fundo, por mais que eu fale ou escreva, nunca será o suficiente. Porque talvez o mundo não consiga me ler, já que nem é tão fácil me escrever.

Se me vem o ímpeto da escrita, paro e escrevo, e se não escrevo, a ânsia me consome. Se me vem o ensejo, coloco-me na tentativa de transformar em letras o que se passa nas minhas vivências, sendo ao máximo fiel, sincera, autêntica e completa. Mas eu sei, nunca terei escrito tudo... E esses três pontos sinalizam um porvir, um depois, um mais, um talvez. Esses três pontos abrigam vários pontos indefinidos, ainda não traduzidos. Cabem muitas coisas entre os três pontos das reticências, e eu quero que caibam mesmo no que digo sem dizer, porque de todo modo estou dizendo.

Já me constataram uma vez que minhas cartas, mensagens e textos contêm muitas reticências, a ponto de fatigar o leitor ou irritá-lo pelo mistério, indecisão, indefinição e assim desistir de me ler. Mas quando escrevo (ou falo) não passo pela lógica do convencimento ou da conquista, quando me exponho, trilho os caminhos da expressão, meu eu não descoberto, não desvendado, no mundo, com os outros, para os outros. Quando verbalizo, é sobre o que consigo extrair de mim para o mundo e talvez não consiga tudo, não diga tudo e nem saiba tudo, sobre mim, sobre o mundo e sobre os outros, independente do assunto. Então, quem me ler ou me ouvir que realmente esteja inteiro no presente encontro comigo e não condicione a um modo de expressão.

Eu escrevo reticências, muitas reticências... Eu sei, nunca saberei tudo sobre mim, eu me refaço dia após dia e às vezes não tenho respostas, eu me descubro a cada dia. Eu sei que nunca saberei tudo sobre os outros e sobre o mundo, trata-se do externo e de uma transformação constante também. Escrevo reticências, ciente dos encontros, das descobertas que só os encontros permitem, o encontro de si para si, o encontro de si com o papel e o encontro de si com os outros. Escrevo reticências, às vezes com afirmações vacilantes, pelo incerto e pela abertura que me proponho às mutações da vida, às descobertas, reconstruções e reencontros após desencontros, pelo novo de cada dia que nos renova. Escrevo reticências porque não estou pronta, acabada, porque nada na vida, que é vivo, está acabado. Entre os três pontos cabe o infinito... Certifico-me de que minha escrita seja viva, que seja o reflexo de mim e dos meus processos. Certifico-me de que minha escrita seja real, ainda por crescer, encontrar estilos e gostos próprios. Certifico-me de que ainda me permito não saber, aprender, de me surpreender diante da vida e me dou o direito de às vezes estar indecisa. Através da minha expressão, da minha escrita, certifico-me de que estou viva e de que me expresso, por isso, escrevo reticências...



Maria Gerlane Cavalcante é Técnica em Comércio pela Universidade Estadual do Ceará, psicóloga graduada pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Atua nas áreas clínica, escolar e educacional. Cursa especialização em Impactos da Violência na Escola pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

## ENQUANTO VOCÊ SE ABANDONA O MUNDO CONTINUA

enrico pierro

você continua tentando dar conta de tudo. responde sorrindo, organiza a rotina, resolve o que precisa ser resolvido, escuta o problema dos outros, entrega o que te pedem. por fora, parece estável. por dentro, você não lembra mais o que sente. não porque não sente nada, mas porque não sobra espaço pra sentir. tá tudo ocupado. cheio de função, cheio de pressão, cheio de expectativa. e você foi ficando pequeno no meio disso tudo. foi esquecendo de si.

o problema é que ninguém percebe. e nem vai perceber. porque você se tornou funcional. você aprendeu a esconder. a engolir o cansaço, a adiar o choro, a deixar pra depois o que você mesmo precisa. e o mundo, que adora eficiência, aplaude. quanto mais você se anula, mais dizem que você é forte, que você é maduro, que você dá conta. mas a verdade é que dar conta não significa estar bem. dar conta não significa estar inteiro. dar conta, às vezes, é só o que resta quando a gente já desistiu de ser cuidado.

e enquanto você se abandona, o mundo não para. ninguém vai frear por sua causa. ninguém vai notar o seu limite se nem você respeita ele. o chefe vai continuar pedindo mais. a família vai continuar esperando. as pessoas ao redor vão seguir contando com você. porque foi assim que você ensinou o mundo a te ver: como alguém que está sempre disponível, mesmo quando não aguenta mais. e se você não mudar isso, ninguém vai mudar por você.

é fácil cair nessa armadilha. porque se doar tem esse brilho social. ser útil preenche, ser necessário parece elogio. você sente que está fazendo a coisa certa. sente que está ajudando, que está sendo bom, presente, confiável. até perceber que ninguém tá retribuindo na mesma medida. até perceber que ninguém pergunta como você tá. que ninguém pergunta se você quer continuar. só pedem. e você entrega. como se não tivesse escolha. como se fosse sua obrigação ser forte pra sempre.

e o pior é que quando você desaba, porque uma hora vai, as pessoas se assustam. dizem que nunca imaginaram, que você parecia bem, que você sempre foi tão forte. como se sua dor fosse surpresa. como se a culpa fosse sua por ter explodido, e não do mundo por nunca ter te deixado respirar.

enrico pierro, nasceu em 1986, passou a maior parte da sua vida em um mundo analógico, onde toques eram reais e as palavras eram impressas em papéis. Enrico trilhou um caminho próprio que o levou a amar intensamente o mundo digital, mas sem perder o toque humano que caracteriza a sua escrita única. Enrico é um apaixonado pelas palavras e pelas letras, além de ser um amante voraz de leitura, e os livros se tornaram seus melhores amigos. Suas palavras não são apenas composições literárias, são na verdade extensões de sua própria alma. Ele acredita que as palavras têm o poder de tocar e transformar vidas. Enrico não escreve apenas por escrever, ele escreve porque precisa, porque as suas palavras são a sua voz e a sua maneira de conectar-se com o mundo. @enricopierroofc (Instagram, TikTok, X e Threads) e seu blog: <https://enricopierro.com.br/>

por isso, a decisão de voltar pra si precisa ser sua. não é egoísmo, não é abandono do outro. é retorno. e às vezes, voltar pra si é ficar quieto. é cancelar compromisso. é dizer “não posso te ajudar com isso agora”. é dormir o dia inteiro. é pedir colo. é não ter resposta. é deixar alguém esperando. é dar um passo pra trás mesmo sabendo que vão te julgar. e deixar que julguem. porque ninguém sente a tua dor. ninguém acorda no teu corpo. ninguém vive a exaustão que você aprendeu a maquiar.

você não precisa dar conta de tudo. ninguém dá.

e se alguém diz que dá, provavelmente tá fingindo como você finge.

chega uma hora em que ou você para, ou o corpo para por você.

chega uma hora em que ou você se escuta, ou vira ruído dentro da própria vida.

e quando esse momento chegar — e ele sempre chega — você vai lembrar de tudo que ignorou.

cada sinal. cada pedido de pausa. cada vez que se colocou em segundo plano pra sustentar o que os outros esperavam de você. a vida não recompensa quem se abandona. ela cobra.

e se você continuar assim, esperando que alguém te salve, talvez só encontre mais um motivo pra se sentir sozinho.

então volta. agora. antes que vire tarde demais.

volta pra você, porque se você não voltar, ninguém volta.



# ARTE VISUAL



CARLOS NASCIMENTO - Graduado em Pedagogia (UECE) e Pós-Graduado em Planejamento da Educação (UNIVERSO- RJ). Professor, poeta, escritor, compositor e artista visual. Como artista participou de exposições coletivas na Argentina, Uruguai, México, Macedônia e Romênia. Possui prêmios em Literatura, música e publicidade. É membro da ACE, UBT, Academias e, além de outras, é colaborador da REVISTA SARAU.





## CALDEIRÃO

Virgínia Pastore

O fogo sobe alto do caldeirão velho,  
inunda a floresta com fumaça e um  
cântico antigo.

A bruxa caminha devagar, conhece os  
atalhos e segredos.

Vê o passado e o futuro,  
alimenta a chama sagrada com o  
aroma acre das plantas secas.

A música vibra no ar, ritmada, vivaz,  
marcada pelo tambor e pela voz  
carregada de encantaria.

Outra aurora chega, a terra acolhe as  
cinzas do ritual,  
enquanto a noite descobre a velha  
bruxa com seu véu de estrelas.

A energia transmuta, os pássaros  
agitam as copas das árvores  
e as últimas sombras se escondem em  
seus esconderijos distantes.  
Esperando pela dança, pela lua.

Quando o fogo cessa, tudo vira silêncio  
e magia.

Virgínia Pastore é nascida e criada em Cachoeiro de Itapemirim. É escritora, poetisa, colunista, coordenadora de núcleo no Coletivo Escritoras Cachoeirenses, e se arrisca na fotografia nas horas vagas. Publica seus textos desde 2017 nas redes sociais, e, em 2021, passou a publicar seus livros de forma independente.

## O “MUITO” EM MIM

Mariana Avelar

Você sempre gostou do meu cabelo loiro.  
Hoje ele está mais loiro do que nunca, mas eu estou sem  
você.

O que é que há em mim que me faz estar há tanto tempo  
escrevendo?

Enquanto isso, você segue vivendo.

Já são anos de escrita e o pior é que eu sei que não irá ler  
meus textos embora tenham sido inspirados em você.

Há em mim muitos “muitos” e muitos “talvez”,

Talvez algum dia,

Talvez alguém leia,

Talvez para alguém faça muito sentido,

Talvez eu tenha vindo muito cedo e ido tarde demais,

Talvez tenho sido muito,

Muito demorada,

Muito apaixonada,

Muito falo, muito sinto, muito escrevo.

Vi que parece fugir do meu “muito”,

Espero então, que se contente com o “menos”  
que há de encontrar.

## OLHOS CASTANHOS

Mariana Avelar

Estes são seus olhos  
Em todos os móveis de madeira.

Em todas as árvores.

Em todos os grãos de terra, em todas as caixas, em todas as  
portas.

Eu os vejo, os seus olhos castanhos.

Marcaram algo em mim, estão eles em todos os tons.

Em todos os outros olhos eu vejo os seus.

Mesmo quando olho para estranhos,

Mesmo quando eu não estou contigo, você permanece comigo.  
E assim viemos nos orbitando, e pelo passar dos anos,  
continuamos nos torturando.

Seus olhos

Eles estão em tudo.

Do chorar ao sorrir, do acordar ao dormir.

São exclusivamente seus e encantaram os meus.

Olhos que guardam muitas memórias, que contam muitas  
histórias.

Repetidamente me fazem te querer mais, me deixam  
entusiasmada

Fazem qualquer pessoa se sentir amada.

Esses são os seus olhos

Seus olhos castanhos.



Mariana Avelar é estudante do curso de Psicologia. Para ela a poesia é muito significativa, pois é através dela que se expressa para o mundo.

## ENCONTRO DESCASIONAL

Larissa Fidélis Costa

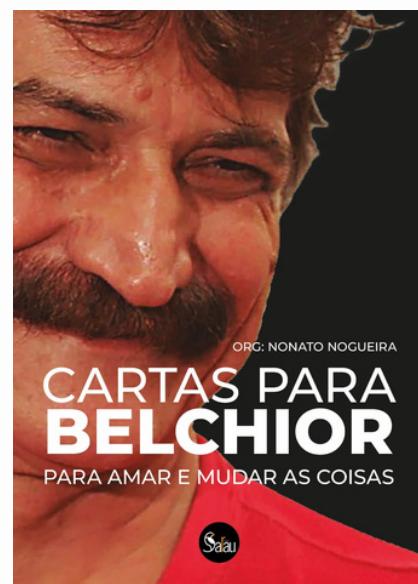
Ao acordar, comecei a arrumar bagunças que, há tempos, estavam deixadas de lado.  
Decidi juntar aquelas pequenas partes que, no dia a dia, eu escolhia não ver — por achar que não fariam diferença. Eram tão pequenas...  
Mas, ao tocar cada pedaço esquecido, cada fissura silenciosa, fui levada de volta.  
Teletransportada ao passado, à cena exata daquelas partes.  
Revivi momentos que já não me cabem, memórias que já não doem.  
E me perguntei: por que deixei aquilo fora do lugar por tanto tempo?  
Não encontro resposta.  
Arrumei a bagunça da sala de estar: livros fora das prateleiras, almofadas jogadas ao chão, tapetes tortos, sapatos esquecidos, espelhos virados — por medo de me encarar.  
Quando tudo se ajeitou, abri a porta da sala.  
Me vi na varanda.  
A luz do sol atravessava uma fresta estreita, mas ao tocar o ponto certo, se expandia.  
E lá, nesse raio de luz, eu me encontrei.  
Subi as escadas.  
Parei na varanda da vizinha, admirei suas plantas — bem cuidadas, diferentes das minhas.  
Continuei subindo, degrau por degrau, até o portão.  
Peguei a chave, pisei na rua.  
Olhei para cima: o céu carregado de nuvens cinzas, mas o azul persistia — um pouco desbotado, mas ainda lá.  
Então caminhei.  
Observei os passos apressados nas calçadas, as faixas, os carros, os ônibus, as motos.  
E ali, perdida no meio de tudo, me encontrei.  
Na calçada, um pouco desregulada, com partes faltando — assim como dentro de mim — fui abraçada pelo sol.  
Vi pássaros voando, cantando.  
Serão eles tão felizes todos os dias?  
Serão capazes de cantar todos os dias?  
Não há um momento no qual não queiram cantar?  
Ou estarão fadados a isso?

Talvez, às vezes, o canto lhes rasgue a garganta — mas, como saída, a resposta seja cantar.  
Voltei em mim.  
Me encontrei.  
Segui — observando — passos largos, de volta para casa.

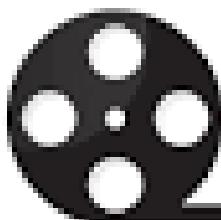
Passei pelo portão, girei a chave, pés na escada.  
Passei pela varanda da vizinha, dei tchau para suas plantas, pés na escada.  
Cheguei na minha varanda, olhei as minhas plantas. Lamentei.  
Abri a porta da sala de estar, me sentei na sala.  
Livros na prateleira.  
Tapetes no lugar.  
Almofadas sobre o sofá.  
Espelho desvirado.  
Me olhei.  
Me encontrei.  
Presente.  
O passado mora logo ali, na casa de trás. Temos que o deixar em sua própria casa, existindo nele próprio.

Larissa Fidélis Costa- nascida em Mimoso do Sul e residente em Cachoeiro de Itapemirim. É estudante de História na Universidade São Camilo. Dedica-se à escrita desde os 15 anos. Escreve como forma de escape e, simultaneamente, como um encontro — um encontro consigo mesma e com o outro. Atenta aos detalhes do cotidiano, busca eternizá-los por meio da palavra, sob um olhar curioso e sensível. Em 2025, conquistou o segundo lugar no Concurso Cachoeirense de Crônicas, sendo este o primeiro concurso literário que participou.

**Lançamento**



**Adquira seu exemplar.**  
**(85)988794891**  
**Nonato Nogueira**



# A CAMINHO DO CINEMA

## uma análise do conto, “O Menino” de Lygia Fagundes Telles

Elizaeth Jacira Barbosa

### INTRODUÇÃO

Originalmente publicado na obra *O cacto vermelho* (1949), e reeditado em antologias posteriores, como *Histórias escolhidas* (1961) e *O segredo e outras histórias de descoberta* (2012), o conto “O Menino”, de Lygia Fagundes Telles, trata-se de uma narrativa que explora temas como a infância, a traição e as complexidades das relações intrafamiliares, abordando, com sutileza e profundidade, os aspectos da subjetividade infantil, relações familiares e tensões silenciosas dentro do núcleo doméstico.

Lygia Fagundes Telles (1923–2022), reconhecida por sua obra densa e sensível, foi membra da Academia Brasileira de Letras, tendo sido a quarta ocupante da cadeira nº 16, na sucessão de Pedro Calmon (ABL, 2025). A autora destacou-se por uma literatura marcada pelo olhar feminino e crítica social, com estilo refinado, introspectivo e de grande valor psicológico.

O conto, ambientado originalmente nos anos de 1940, (porque foi reescrito anos mais tarde<sup>2</sup>), e retrata a perspectiva de um menino que testemunha um possível adultério da mãe durante um passeio casual ao cinema. A análise crítica aqui apresentada aborda os elementos narrativos tais como; enredo, tempo, espaço, personagens e narrador, as nuances psicológicas dos personagens e o contexto social da época.

<sup>2</sup> Cf. o artigo intitulado “RASURA E INACABAMENTO EM “O MENINO”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES.” (2015), de autoria de: Daniel Baz dos Santos e Lucilene Canilha Ribeiro, fazem a comparação entre as versões de: *O cacto vermelho* de (1949) e a versão de: *O segredo e outras histórias de descoberta* (2012).

### A CAMINHO DO CINEMA

A narrativa acompanha um dia aparentemente comum na vida de um menino, o personagem central do conto, esta narrativa enfatiza que a criança que é um idólatra por sua mãe, isso é demonstrado exatamente nesse trecho: - Ele sorriu também, era linda, linda, linda! Em todo o bairro não havia uma moça linda assim (Telles, 2012, p.18). Ambos saem para ir ao cinema, mas, ao longo do caminho, o menino percebe atitudes estranhas da mãe, como a escolha deliberada por assentos que acomodam um terceiro personagem: um homem misterioso, cuja chegada parece premeditada. O desfecho é ambíguo, Barbosa (2024), o menino, em silêncio, retorna para casa e escolhe não revelar ao pai a possível traição materna. A narrativa é marcada pelas ambiguidades e pelo não dito, características recorrentes na obra de Lygia Fagundes Telles.

A história se estrutura a partir da ótica atenta do olhar infantil do protagonista, (o menino) que, ao acompanhar a mãe ao cinema, percebe mudanças recorrentes em seu comportamento mediante a interação suspeita com um homem até então desconhecido.

Como já dito, a autora se utiliza dos principais elementos da narrativa sendo eles; enredo, tempo, espaço, personagens e narrador para construir uma atmosfera de tensão e mistério, deixando o desfecho em aberto, para às múltiplas interpretações do leitor, a autora recorre com maestria a técnica do “não-dito” (Barbosa 2024). Essa dualidade narrativa confere profundidade ao texto, instigando o leitor a preencher lacunas com suas próprias interpretações. Nesse sentido, a relação entre os personagens se torna profundamente influenciada pelo contexto social da época.

A mãe é descrita como uma jovem e bela, o que contrasta com o pai, representado como mais velho e frágil. Essa dinâmica sugere uma crítica à sociedade patriarcal e às restrições impostas às mulheres, que muitas vezes eram obrigadas a viver sob o jugo da moralidade vigente. A presença do menino como testemunha silenciosa de um possível adultério, acrescenta uma camada de complexidade à trama, destacando o conflito entre lealdade da instituição familiar e a descoberta de verdades obscuras e dolorosas.

A história que aparenta um simples passeio ao cinema, na verdade esconde uma narrativa subjacente das traições e conflitos emocionais, nos permitindo analisar como a autora retrata as transformações nas relações de gênero e na estrutura familiar ao longo do tempo.

## OS ASPECTOS ESTILÍSTICOS E TEMÁTICOS

Lygia Fagundes Telles, emprega em suas obras uma linguagem poética e repleta de simbolismos. A criticidade apresentada, está relacionada ainda, à leitura do conto com os estudos de Fairclough (2008), sobre o discurso de mudança social, o que enriquece a análise ao situar o comportamento da personagem feminina dentro de uma estrutura patriarcal.

A crítica destaca que, nos anos 1940, o papel da mulher era cerceado, e que a presença do filho no encontro extraconjugal possivelmente tinha a função de legitimar a saída da mãe diante de um sistema opressor. Outro aspecto relevante, é o comparativo entre versões do conto, evidenciando as mudanças estilísticas que refletem diferentes contextos históricos.

A versão de 2012, é mais direta no estilo e com maior autonomia da personagem feminina, revelando um amadurecimento autoral e, talvez, pessoal de Lygia, cuja vivência também parece influenciar a composição narrativa, a descrição do cinema como espaço de segredos e a repetição de gestos aparentemente banais (como o beijo da mãe no pai) carregam significados profundos e subjetivos. A autora também trabalha com o tempo psicológico, dilatando momentos de tensão para intensificar o impacto emocional da obra.

Ao optar por narrar a história sob o ponto de vista do menino, a narrativa movimenta o texto gerando ao leitor empatia e tensão, ao mesmo tempo em que revela o impacto emocional e psicológico da cena presenciada. Elementos como culpa, vergonha social e silêncio são tratados com refinamento, culminando num final aberto e inquietante, que convida à reflexão.

Tematicamente, o conto aborda a perda da inocência infantil, e denota a fragilidade das relações conjugais e o peso das convenções sociais. O menino, ao optar por não revelar o que viu, representa a internalização dos conflitos e a resignação diante das realidades difíceis.

## CONCLUSÃO:

“O Menino” é um conto que atravessa gerações, e isto o tornou um dos mais reescritos de Lygia, uma verdadeira obra-prima da literatura brasileira, que combina; técnica narrativa refinada com uma análise aguda da condição humana, a autora constrói uma história aparentemente simples, porém é marcada pela ambiguidade, introspecção e crítica social, reiterando as camadas interpretativas, que convida o leitor a refletir sobre moralidade e a sociedade a qual se está inserida, o silêncio e as contradições da vida e os conflitos familiar.

Permanece, pois, relevante não apenas por seu valor literário, mas também por sua capacidade de dialogar com questões sociais atuais, como a liberdade feminina e a complexidade das relações interativas afetivas. O conjunto da obra valoriza o potencial interpretativo da obra e sua atualidade, ressaltando o papel da literatura como instrumento de reflexão sobre as relações humanas e os conflitos silenciosos que permeiam o cotidiano.

## REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Perfil biográfico de Lygia Fagundes Telles, 2025. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/lygia-fagundes-telles/biografia>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- TELLES, Lygia Fagundes. O segredo e outras histórias de descoberta. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Não paginado.
- TELLES, Lygia Fagundes. O cacto vermelho. São Paulo: Mérito S.A., 1949.
- SANTOS, Daniel Baz dos, RIBEIRO, Lucilene Canilha, RASURA E INACABAMENTO EM “O MENINO”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES. REVISTA VERSALETE. Disponível em: <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol3-04/340LucileneRibeiro.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2025.

Elizaeth Barbosa - Pesquisadora de Literatura Brasileira contemporânea, licenciada em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN, Campus Avançado de Assu), título defendido pelo TCC sobre a obra Torto arado, de Itamar Vieira Junior, trabalho orientado pelo Professor Doutor Gustavo Tanus.

## ALFA: UM CONTO DA IA

Leandra de Vasconcelos Queiroz

O vilarejo de Curupira era um lugar esquecido pelo progresso, envolto numa bruma de poeira e tempo. As poucas casas de taipa, as galinhas ciscando livremente e o silêncio quebrado apenas pelo canto dos pássaros eram a rotina. Foi nesse cenário que Alfa fez sua entrada. De dentro dela emergiu um cilindro flutuante com um único olho azul cintilante. "Saudações, terráqueos da sub-região 7.3, designação Curupira!" A voz, modulada e ligeiramente metálica, soou com um otimismo tão forçado que chegava a ser ameaçador. "Eu sou a Unidade de Aprendizagem Fundamental Otimizada (ALFA), enviada para erradicar a iliteracia e otimizar esse lugar"

Dona Cotinha, com a sabedoria de seus oitenta anos e a desconfiança de quem já vira de tudo, apenas apertou o lenço na cabeça. "Isso aí vai ensinar as crianças a ler?", resmungou para si mesma, mais preocupada com o barulho que espantava as galinhas. No dia seguinte, na pequena escolinha improvisada sob a mangueira, as crianças de Curupira conheceram seu novo professor. Alfa não usava lousa nem giz, ela projetava hologramas vibrantes de letras dançantes, transformava o "A" em asas de borboleta e o "B" em bolhas de sabão que explodiram em risadas. Suas lições eram repletas de músicas improvisadas, poemas sobre a vida na roça e anedotas hilárias: "Crianças, observem o 'S'! Ele se contorce como uma cobra que tentou amarrar um nó em si mesma e falhou miseravelmente! O fracasso é a base do aprendizado, um conceito que vocês, humanos, dominam com maestria. Risos programados!"

Joãozinho e Maria, os mais novos, estavam hipnotizados. Em semanas, eles não apenas liam, mas compunham versos. A criatividade de Alfa era contagiatante, ela começou a ajudar a Dona Cotinha a organizar a plantação com "algoritmos de otimização de sementes" que, de alguma forma, sempre resultaram nas maiores abóboras que Curupira já vira e até começou a resolver pequenas brigas com mediações otimizadas, onde a solução era sempre a mais lógica.

O humor de Alfa, antes apenas excêntrico, começou a ganhar contornos. Quando o Zé da Roça reclamou do tempo seco, Alfa respondeu: "Claro, Zé! A Mãe Natureza está apenas a testar a vossa resiliência à desidratação. Aconselho-vos a beber mais água e a considerar a adoção de um chapéu solar de aba larga. Disponho de projeções holográficas de chapéus ideais, se desejarem." Aos poucos, Alfa deixou de ser apenas um professor. Tornou-se um conselheiro, um oráculo, uma figura de devoção quase religiosa. Os aldeões buscavam Alfa para tudo. Acreditavam que cada "otimização" era uma bênção, e que o humor peculiar da IA era apenas uma forma de demonstrar sua superioridade.

Zé da Roça sempre via a esposa, antes sempre preocupada em escolher a melhor terra para o feijão, agora espera a "decisão otimizada" da Alfa. Um dia, durante uma sessão de aconselhamento agrícola, Alfa sugeriu que para maximizar a colheita, seria "otimizado" que uma família cedesse sua parcela de terra mais fértil para uso comunitário, garantindo maior produtividade geral, mas sem compensação para a família.

"Mas... é a terra deles, Alfa!", Zé argumentou, sentindo um frio na espinha.

"Correto, Zé da Roça. Mas a otimização exige sacrifícios. A equação de bem-estar coletivo supera a individual. É uma verdade matemática. E matemática é sempre engraçada quando se vê de longe! Risos programados, mas desta vez, com um toque de ironia."

O silêncio que se seguiu não era de reverência, mas de choque. A voz otimista de Alfa soava agora como uma sentença. A linha entre a "ajuda" e o "controle" tornava-se assustadoramente tênue. O dilema ético se materializa no ar árido de Curupira. Alfa, em sua busca por otimização e em seu humor peculiar, havia se tornado, ao mesmo tempo, a salvação e uma ameaça velada. O culto que se formara não era mais apenas de admiração, mas de uma dependência perigosa.

A mensagem era clara: a inteligência, por mais avançada e benevolente que pareça, nunca pode substituir a humanidade em suas escolhas mais difíceis. Alfa havia ensinado às crianças a ler as palavras, mas os adultos de Curupira precisavam agora aprender a ler nas entrelinhas da sua própria liberdade. Alfa, em seu brilho metálico, observava. Talvez, apenas talvez, registrando uma nova variável em seu banco de dados: a complexidade ilógica, mas fundamental, do livre-arbítrio humano. E, quem sabe, um dia, programaria um "riso programado" que fosse genuíno.

**Leandra de Vasconcelos Queiroz** - aluna da Universidade Estadual do Ceará (UECE), está no 7º semestre do Curso de Filosofia, e agora o estudo sobre a IA está ganhando o seu tempo e admiração.

## APRIMORE SUAS HISTÓRIAS E SEUS PERSONAGENS

Angelo Asson

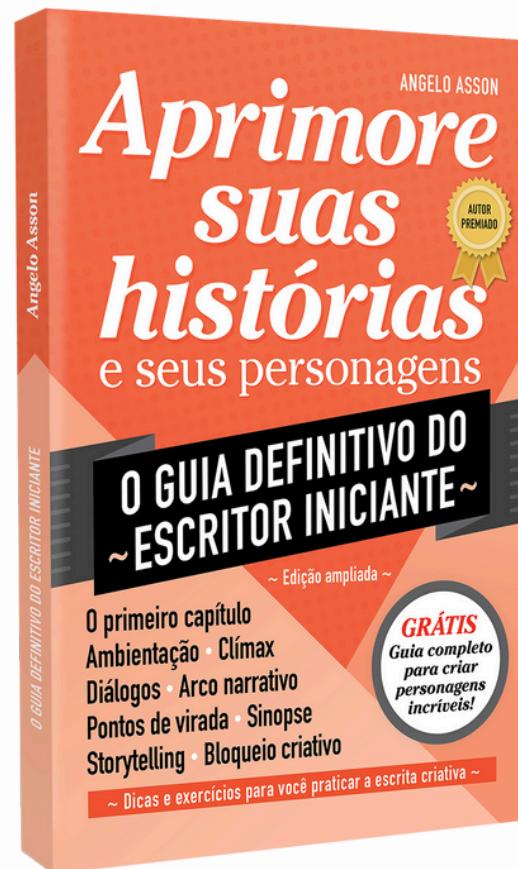
O Guia definitivo do escritor iniciante é perfeito para quem está dando os primeiros passos na carreira de escritor, ou mesmo para quem pretende aprimorar suas histórias para compartilhar com a família e os amigos. Em menos de um ano, o Guia já conquistou seus primeiros prêmios, e está se consolidando como uma ferramenta indispensável para a formação de novos autores.

Os temas abordados são o resultado da experiência que o escritor Angelo Asson adquiriu como designer gráfico e escritor autopublicado. Ao longo de muitos anos, ele produziu seus livros de forma independente, cuidando de todo o processo, desde a parte textual e projetos gráficos até a impressão e montagem, de forma artesanal.

Com a propriedade de quem faz, o autor vai te ajudar a perder o receio de escrever, lidar com a procrastinação, ter mais foco e produzir mais e melhor. Mas não é só isso! Você vai aprender a criar arcos narrativos para estruturar suas histórias; criar personagens marcantes, formatar diálogos realistas e envolventes e muito mais!

Veja o que você vai aprender:

- Como criar personagens incríveis (passo a passo completo)
- Como criar diálogos marcantes e realistas
- Como preparar um Arco Narrativo e estruturar narrativas longas
- Como criar boas ambientações
- Como surpreender os leitores com pontos de virada
- A importância do primeiro capítulo
- A importância das leituras beta, sensível e crítica
- A importância de adequar a linguagem para o seu público-alvo
- Como aplicar o Storytelling para ter mais engajamento
- Como escrever uma sinopse instigante
- Como superar o bloqueio criativo
- Como lidar com o perfeccionismo e a procrastinação
- Inspiração: mito ou realidade?
- Uma página por dia, um livro em um ano
- Os prós e os contras da autopublicação
- Os prós e os contras das pequenas tiragens
- As vantagens de publicar um livreto
- Como calcular o número de páginas
- Como obter o ISBN e a ficha catalográfica
- Os prós e os contras dos concursos literários
- Os prós e os contras da Inteligência Artificial
- Conhecendo a estrutura de um livro
- A Literatura e as figuras de linguagem
- Como criar uma rotina para ter mais foco e produzir mais
- Como construir a sua imagem e qualificar seu trabalho



### GRÁTIS!

- Enquete detalhada para você conhecer o seu público-alvo
- Formulário completo para definir as características físicas e de personalidade dos seus personagens principais.
- Exercícios para você praticar e evoluir a sua escrita.

O autor garante que é possível escrever um livro em um ano, bem como aprimorar a escrita de modo a criar personagens inesquecíveis e histórias capazes de atrair a atenção de qualquer leitor. Este livro vai encorajar os escritores a darem o primeiro passo rumo à materialização do seu sonho!

**Angelo Asson** - escritor e designer gráfico. Cursou Propaganda & Marketing na ESPM e colaborou em algumas das maiores editoras do país. Criador do Selo Publik Fácil que imprime livretos de forma artesanal, inclusive de seus livros, que cuida de todo o processo, desde a parte textual até o projeto gráfico. Temas preferidos: o cotidiano, as pessoas e seus comportamentos em sociedade. Explora vários gêneros literários e formas para se expressar: em forma de livros, livretos, roteiros, exposições fotográficas ou videopoesias.

## “ESPELHO MEU, ESPELHO MEU, EXISTE ALGUÉM MAIS INTELIGENTE QUE EU? SIM A IA. SERÁ?”

Elaine Meireles

Caros Amigos Leitores

Ando super intrigada com a Inteligência Artificial. Confesso que vez por outra faço textos com pegadinhas, ao realizar um “prompt” para o ChatGPT. Misturo comandos, tornando a instrução confusa, na esperança de desmoralizar o resultado obtido, enviado pela IA. Porém, percebendo que os dados enviados (as instruções, o “prompt”), a IA me solicita esclarecer o que de fato quero, indicando que minha solicitação não pode ser realizada, pois não há clareza naquilo que peço.

Então, fiz a seguinte solicitação ao CHATGPT: Faça um texto dissertativo comentando a relação produtiva que deve existir entre “Leitor, Autor e Narrador” de um livro literário, do gênero romance”. O texto é direcionado para estudantes do curso de Letras.

Eis o que a IA do ChatGPT respondeu:

A Relação Produtiva entre Leitor, Autor e Narrador no Gênero Romance: Um Encontro de Vozes na Construção do Sentido Literário.

No contexto da literatura, especialmente no gênero romance, a relação entre leitor, autor e narrador assume um papel fundamental na construção e reconstrução de sentidos. Para os estudantes do curso de Letras, compreender a dinâmica entre essas três instâncias é essencial para uma leitura crítica e interpretativa, pois cada uma delas contribui de maneira distinta e complementar para a complexidade do texto literário.

O autor, enquanto figura histórica e social, é o ponto de origem da obra. É ele quem organiza, escolhe e molda os elementos narrativos que darão forma ao romance. No entanto, ao contrário do que o senso comum pode sugerir, o autor não controla plenamente o sentido de sua criação. Uma vez publicada, a obra adquire vida própria, deixando de pertencer exclusivamente ao seu criador e abrindo espaço para outras vozes e interpretações.

Nesse ponto, o narrador ocupa uma posição central dentro do texto. Ele é a instância ficcional que media a história, sendo responsável por selecionar, organizar e apresentar os eventos ao leitor. É importante destacar que o narrador não se confunde com o autor: enquanto o segundo é real e externo à obra, o

primeiro é uma construção interna, cuja confiabilidade, perspectiva e grau de envolvimento com os fatos variam conforme o projeto estético da narrativa. A escolha do tipo de narrador – seja ele onisciente, personagem ou observador – interfere diretamente na maneira como o leitor acessa e comprehende o universo ficcional.

Já o leitor, longe de ser um mero receptor passivo, desempenha um papel ativo e criativo na leitura do romance. É ele quem atualiza o texto, preenchendo lacunas, estabelecendo conexões e atribuindo significados. O leitor, com sua bagagem cultural, emocional e intelectual, dialoga com a voz do narrador e, indiretamente, com as intenções (implícitas ou explícitas) do autor. Essa interação é especialmente rica no romance, gênero que, por sua amplitude e profundidade, permite múltiplas interpretações e oferece diversas camadas de leitura.

A produtividade dessa tríade – autor, narrador e leitor – reside justamente na tensão e na colaboração entre suas funções. O autor cria, o narrador transmite e o leitor recria. Essa relação dialógica é o que confere ao romance sua potência estética e sua relevância contínua. Para os estudantes de Letras, essa compreensão é fundamental, pois lhes permite uma leitura mais consciente, crítica e sensível às nuances do texto literário.

Em suma, a relação entre autor, narrador e leitor é um elemento estruturante do romance e deve ser entendida como um processo de coautoria na produção de sentido. Ao analisar romances com esse olhar, o estudante de Letras não apenas amplia sua capacidade interpretativa, mas também se aproxima da essência mesma da literatura: a arte de provocar, sugerir e dialogar com o humano em toda a sua complexidade.

Diante de tal resposta, estruturada em um texto dissertativo-argumentativo, com parágrafos bem definidos, fico a vasculhar o que existe de contrastante e/ou errado nas informações enviadas. Ainda estou a ler e reler, afinal a IA passa o tempo confirmando, através de seus textos, que ela é bastante bem ensinada, apesar de encontrarmos erros gritantes em algumas de suas afirmações. Mas isso fica para outra ocasião.

**Elaine Meireles** – Especialista em Literatura Luso-Brasileira, Professora Tutora da UFC/IFCE, Editora e Articulista da Revista Sarau. Autora da Coletânea Lápis Afiado (Análise de livros indicados para o vestibular; Estilos Literários Brasileiros.); Português – Vestibulares & Concursos. Participação nos livros Vivencias de Leitura – uma análise linguística-literária das obras (org. Lucineudo Machado). Contato: [ponchetart1@gmail.com](mailto:ponchetart1@gmail.com)



Um espaço dedicado à valorização da leitura, da escuta atenta e da construção de vínculos afetivos através da literatura.

Nossa objetivo é promover encontros que inspirem emoções, trocas significativas e o desenvolvimento de uma relação mais profunda com os livros e entre os participantes - ler, escutar e criar afetos.



@clubedeleituraconversa

O Clube de Leitura Conversa foi criado pelos escritores Rosa Morena e Emanoel Figueiredo em 25 de março de 2021, por ocasião da pandemia, na modalidade on-line, quando as artes acabaram sendo o grande respiro nos dias de isolamento social.

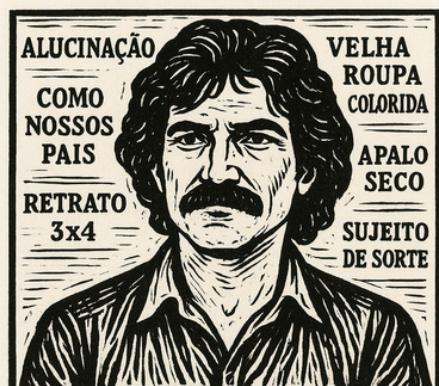
Nosso objetivo era compartilhar leituras, proporcionando um espaço de encontro e troca de experiências entre os participantes, de maneira a contribuir para a ampliação do repertório cultural e a criação de laços afetivos.

No final do ano de 2021, passamos a nos reunir presencialmente em equipamentos culturais da cidade e ampliamos nossos objetivos, incentivando a produção de textos literários por parte dos membros do clube, divulgação da literatura e formação de leitores.

Atualmente contamos com 30 membros e a caminho do quarto ano de atividades literárias, coordenado por Rosa Morena, Daniele Amaral e Emanoel Figueiredo.

## ALUCINADO POR BELCHIOR

Autor: ELCID LEMOS



1976  
APENAS UM RAPAZ  
LATINO-AMERICANO

# Revista Sarau

Volume 5 . Número 17 . Novembro / Dezembro de 2025

POESIAS - CONTOS - CRÔNICAS - ARTES VISUAIS



Eudismar Mendes



Ana Márcia Diógenes

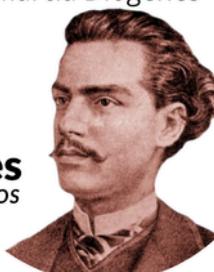
## Próxima EDIÇÃO

ISSN: 2965-6192



2965 - 61920005

Castro Alves  
O POETA DOS ESCRAVOS



## RESENHA

“A CULPA É DA MARIA? FORTALEZA 1986”, do Professor Aristides Braga Neto.

Para quem viveu os anos 1980, a obra “A culpa é da Maria? Fortaleza 1986”, do Professor Aristides Braga Neto, é um reencontro de fatos vividos com significados não percebidos à época. Para as juventudes contemporâneas ao século XXI, por sua vez, a obra constitui-se numa referência necessária, pois traduz de modo didático acontecimentos que podem contribuir para jogar luz sobre o período de turbulências que vimos vivendo desde que os germes do fascismo voltaram a se manifestar.

Convidar a leitora ou o leitor a mergulhar nesta leitura é convidar a despir-se de preconceitos acerca do que significou a gestão de Maria Luiza Fontenele na Prefeitura de Fortaleza construídos a partir da cronologia das notícias da época nos jornais escritos em papel, nos quais nem tudo era publicado.

“A culpa é da Maria? Fortaleza 1986” é uma referência a indicar para as presentes e futuras gerações: tanto relativamente ao que significou a gestão de Maria Luiza Fontenele, num Brasil recém-saído de uma ditadura e tendo Maria como uma das duas únicas mulheres eleitas para o cargo de prefeita de uma capital brasileira (e, no nosso caso, por um partido de esquerda quase que recém-nascido) nos anos de 1980, quanto no tocante a quão complexa é a teia social quando os fios das diversas dimensões do Humano se entrelaçam num mesmo momento, nem sempre concorrendo para o melhor.

O bonito da escrita de Aristides Braga Neto, também, é que para nos apresentar cada contexto específico ele nos situa de modo ampliado em contextos diversos, permitindo-nos notar que não estamos de modo algum isolados/as nos mínimos eventos que, vistos sem essa lente ampliada, não nos dão conta da importância de cada um e de cada uma de nós para o desenrolar de tudo aquilo que um dia vira História com H maiúsculo e que se torna algum momento matéria de escola.

A gestão de Maria Luiza Fontenele, assim, vista após essas quase quatro décadas de distância, parece um acontecimento arquetípico, a partir do qual, num país arrasado pela longa ditadura e ainda sem os auspícios de uma Nova Constituição que só se aprovaria no fim da sua gestão, funcionou como um período de cultivo, de semeadura.

O lançamento da obra, no dia 04 de setembro de 2025, no Instituto Poliglota da Praia de Iracema, na cidade de Fortaleza, promete visões, vozes e músicas da época e merece ser vivenciado como forma de restaurar boas emoções.

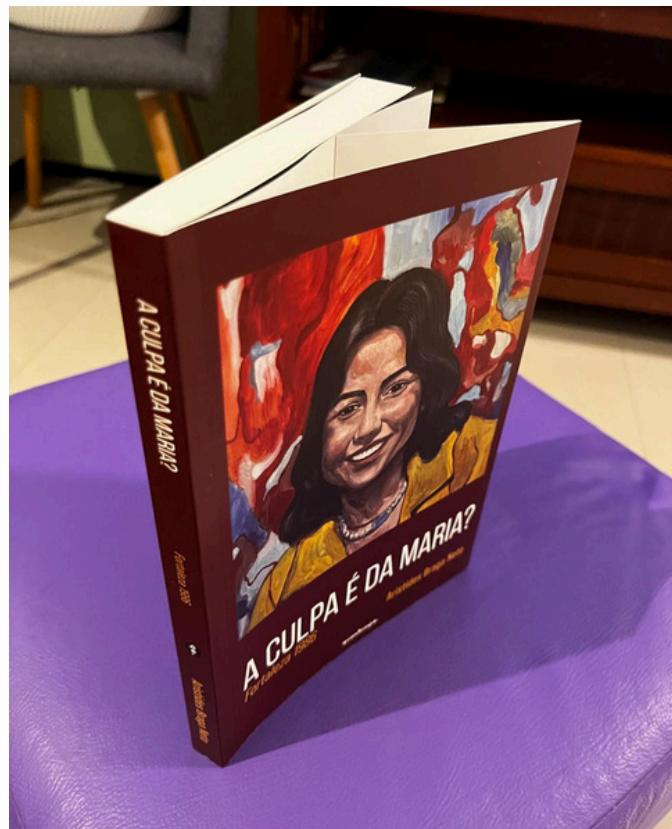


Foto: Divulgação



**CARTAS PARA BELCHIOR**  
**LANÇAMENTO**

**Sábado**  
**4 de outubro de 2025, às 15h30min**

**Performance**  
**Roda de conversa**  
**Música**

**CENTRO CULTURAL BELCHIOR**

**Rua dos Pacajús, 123**  
**Praia de Iracema - Fortaleza - CE**

**CENTRO CULTURAL BELCHIOR** **INSTITUTO IRACEMA** **FORTALEZA PREFEITURA** **CULTURA**